

CHERYL WRIGHT



A
do
Garota
Rancheiro



OS IRMÃOS CALLAHAN

4

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

CHERYL WRIGHT



A
do
Garota
Rancheiro

OS IRMÃOS CALLAHAN

4



CHERYL WRIGHT

OS IRMÃOS CALLAHAN

1ª Edição



Ribeirão Preto/SP

DIREITOS AUTORAIS



Título Original: The Sheriff's Sweetheart
Copyright©2017 por Cheryl Wright
Copyright da tradução©2024 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Isadora Foletto
Revisão: Carla Souto Maior
Revisão: Regiane Moreira
Diagramação e Capa: Labellaluna Web®

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

W9471be

Wright, Cheryl

Título: A Garota do Rancheiro (recurso eletrônico) © 2024

Leabhar Books Editora Ltda. -RP/SP

Tradução de: The Rancher's Sweetheart © 2017 Cheryl Wright

Formato: e-Pub

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-304-3

1. Contemporâneo. 2. ficção. I. Folleto, Isadora. II. Título

80754

CDD 82-32
CDU 134.3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. CEP: 14025-200 - Alto da Boa Vista- RP/SP - Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com

DEDICATÓRIA



Ele se foi há mais de 18 anos, mas eu nunca esquecerei os rodeios que meu pai (e mãe) nos levaram quando éramos crianças. Nós ficávamos ansiosos para ir todos os anos.

Nascido no interior (assim como seus filhos), meu pai era definitivamente um homem do campo. Seu primeiro trabalho foi em um rodeio. Lá ele trabalhou como segurança, e depois como domador de cavalos, entre outras coisas. Seu irmão trabalhou cuidando de cavalos durante toda sua vida, inclusive levando turistas para passeios. De vez em quando, eu conseguia até mesmo me incluir em alguns daqueles passeios.

Eu cresci em meio a cavalos e do jeito do campo de fazer as coisas. E eu sou tão grata por isso.

Infelizmente, acabamos mudando-nos para a cidade mais próxima, mas eu amava (e ainda amo) tanto cavalos, que gastava quase todo meu dinheiro extra e todos meus finais de semana em passeios a cavalo.

AGRADECIMENTOS



Obrigada aos meus queridos amigos (e autores). Margaret Tanner e Susan Horsnell. Sem seu encorajamento, esse livro nunca teria sido escrito.

Obrigada ao meu marido Alan, que tem apoiado incansavelmente minha carreira como escritora por tantos anos.

E por último, mas não menos importante, obrigada a todos os meus leitores que me encorajam constantemente a continuar escrevendo estas histórias. É um prazer para mim saber que tantos de vocês gostam delas. Eu amo escrevê-las tanto quanto vocês amam lê-las.

CAPÍTULO UM



Kody Callahan abriu os olhos e cautelosamente observou ao redor.

A última coisa da qual se lembrava era de cavalgar Cracker pelo pasto dos fundos. Saiu de casa pouco depois do nascer do sol, assim que terminou sua xícara fumegante de café.

Melhor hora do dia para ele. Não tanto pelo café quanto por ver o sol nascer enquanto se sentava em uma cadeira confortável na varanda da frente.

Que maneira de começar o dia! Virou a cabeça e sorriu, e o pequeno movimento lhe causou dor.

Tentou se levantar do chão frio e úmido, mas uma onda de tontura o atingiu antes que chegasse muito longe, então se deitou novamente. Cobriu os olhos momentaneamente contra o sol. Dormir, era disso que precisava.

Sim.

Isso.

Apenas. Uma. Rápida. Soneca.

Quando acordou novamente, sentiu-se desorientado. Kody olhou ao redor e viu seu chapéu de cowboy fora de alcance. Tentou alcançá-lo. A dor excruciante em sua cabeça o fez voltar a se deitar, mas não antes de conseguir pegá-lo. Tinha aquele chapéu desde que conseguia se lembrar. Não p perderia agora.

Passou a mão pelo cabelo castanho rebelde para afastá-lo do rosto e sentiu o enorme caroço na parte de trás de sua cabeça. Um caroço úmido e pegajoso. Não precisava olhar para os dedos para saber o que era.

— Cracker. — Assobiou e o cavalo veio até ele, relinchando no pescoço de Kody. — Sim, menino. Eu sei. Não é uma boa situação. — Ficou meio sentado, o máximo que pôde sem desmaiar, e procurou o telefone via satélite em seu casaco de pele de carneiro.

Só que não estava lá.



— Droga, Kody. Precisa avisar alguém quando sair sozinho, — disse-lhe seu irmão, o xerife Chase Callahan. — E se não tivesse conseguido voltar?

Poderia ter passado dias até que alguém soubesse que estava desaparecido.

— Está sendo estúpido agora, — disse Kody, pronto para sair, mas sem estar em condições de ir a lugar algum. A pancada na cabeça aparentemente foi muito forte. Ruim o suficiente para levar pontos.

— Não me faça começar com o estúpido... — Chase olhou para ele com conhecimento de causa. Kody sabia que ele estava certo, mas se contasse a alguém toda vez que saísse sozinho, passaria o tempo todo notificando as pessoas sobre seu paradeiro e nunca conseguiria fazer nada.

Não, isso não ia acontecer.

— Se não fosse um maldito solitário, nada disso aconteceria — Chase passou os dedos sobre a barba por fazer no queixo. Não teve tempo de se barbear - foi arrastado para fora da cama com o telefonema do hospital dizendo que Kody estava com problemas.

Não que ele se incomodasse, Kody tinha certeza. Afinal, eram irmãos. Mais do que irmãos. Melhores amigos.

Estava deitado em uma cama na sala de emergência do hospital, aguardando que sua cabeça fosse costurada. Seus pés estavam pendurados na extremidade da cama.

Vestindo uma bata branca e frágil.

Gemeu. A situação não poderia piorar. Poderia?

Seu outro irmão, Rory, entrou no quarto. — Que diabos, Kody?

Seu olhar preocupado tocou Kody. As palavras que se seguiram apenas o irritaram. — Droga, cara, arrume uma garota. Pelo menos ela saberia se você não voltasse para casa quando deveria.

Kody tentou se sentar e protestar, mas sua cabeça gritou com ele e o quarto girou. Rory deu alguns passos rápidos em sua direção e o firmou, deitando-o de volta na cama. — Fica quieto. Provavelmente sofreu uma concussão.

— Foi exatamente isso que ele sofreu — a doce voz feminina cantou as palavras na mente desorientada de Kody, e ele virou o rosto em sua direção. Doía como o inferno. — Fique abaixado, por favor, Sr. Callahan, — disse ela ao se aproximar e apalpar sua cabeça, verificando se havia algum outro dano.

— Vamos interná-lo pelo menos por esta noite, dependendo de como estará amanhã — falou com Chase e Rory. — Faremos exames para garantir que não haja outros ferimentos. Cair de um cavalo pode ser incrivelmente perigoso, como tenho certeza de que sabem.

— Não caí do cavalo, eu não caio...

Ela sorriu para ele. Ou estava rindo? Aquele sorriso encantador fez com que seus hormônios dessem uma reviravolta. *Inferno*.

— A propósito, eu sou Molly. Dr^a. Molly Simpson. Vou cuidar de você.

Quando ela passou as mãos macias sobre o peito dele, Kody estremeceu. — Como eu pensei, provavelmente quebrou uma ou duas costelas. Ou talvez três — lá estava aquele sorriso fofo novamente. Kody fechou os olhos contra as implicações. — Não poderá cavalgar por um bom tempo, — disse ela, momentos antes de seus olhos se fecharem involuntariamente.



— Eu realmente preciso ir para casa — Kody protestou em voz alta quando lhe disseram que precisava ficar no hospital mais uma noite.

Rory tentou acalmá-lo. — Não há necessidade de estresse. Temos tudo sob controle. — Kody o encarou, mas Rory continuou. — Os cavalos foram cuidados, e eu enviei um dos meus funcionários do rancho para ter certeza de que tudo está como deveria estar. Ele ficará lá até que você seja capaz de reassumir.

Kody gemeu.

Não que se preocupasse com seu rancho, embora o fizesse, mas porque se sentia cansado de ficar na cama. Ficou de cama por causa da concussão e já estava farto.

Muito cansado.

Embora aquela médica bonitinha fosse um consolo.

Fechou os olhos contra esse pensamento. Antes de tudo, *não estava* interessado em um relacionamento. O último foi um desastre absoluto, e não queria voltar a passar por isso.

Em segundo lugar, a médica bonitinha, como a chamava, não confraternizava com seus pacientes. Parecia ser muito certinha e, com isso, teria uma ética considerável, ele não tinha dúvida.

— Como estamos hoje, Sr. Callahan? — era um sonho, ou ela estava realmente ao seu lado?

— Kody — disse. — Meu nome é Kody.

Ela o tocou no ombro como se estivesse tentando acordá-lo. Ele abriu os olhos pela emoção que o toque causou e virou a cabeça para ela. Ainda estava doendo, mas não tanto quanto ontem.

Levou a mão à cabeça costurada. — Precisa deixar seus pontos em paz, Sr. Callahan, — disse-lhe, ignorando completamente o pedido para usar seu nome de batismo. — Acabará desalojando o curativo — suspirou. — E então ficará exposto à infecção.

Encarou-o como se o desafiasse a continuar tocando. — Isso, é claro, implicaria em uma estadia mais longa no hospital.

Ele apertou os olhos com força. Agora ela estava brincando com ele.

Ouviu o irmão dar uma risadinha.

Ok, ele era um paciente ruim. Vivia para o ar livre, por isso era dono de um rancho e passava a maior parte de seus dias montado em um cavalo.

Olhou para ela e sorriu docemente. — Se eu prometer me comportar, posso ir para casa hoje? — ouviu Rory bufar de tanto rir.

Ela retribuiu o sorriso e se ocupou em examiná-lo por todos os lados, inclusive as costelas. — Eu diria que não — disse ela enquanto se afastava. — Vejo-o pela manhã.

Ele a observou se afastar. Notou o movimento de seu lindo traseiro

enquanto ela o fazia. Ficou encantado com essa nova médica que o hospital havia contratado.

— Lá se vai o charme, — disse-lhe Rory, ainda rindo.

— Ela é bonita, — disse Kody, sem pensar, e seu irmão o encarou com interesse. Muito interesse para seu gosto.

Ele até se sentou na cama, mas se deitou rapidamente quando a tontura o dominou.

— Molly lhe falou sobre a tontura, lembre-se, — disse Rory, ajudando o irmão a se deitar novamente. — Você bateu muito forte com a cabeça e precisa descansar. — mexeu nos travesseiros atrás da cabeça de Kody. — Aqui, posso apoiá-lo em alguns travesseiros, se quiser, — disse ele, e Kody concordou com a cabeça.

Seriam dois longos dias.



Kody se recostou na espreguiçadeira com vista para a magnífica cordilheira de Montana.

Sentado, tomava café enquanto observava o nascer do sol. Respirava o ar fresco do campo. Ouvia o tilintar da água do riacho próximo. E observava os pássaros que procuravam minhocas no jardim.

Tirando os pontos na cabeça e a dor que isso causava, considerava-se o homem mais sortudo do mundo.

Quantos outros podiam passar seus dias ao ar livre? Quantos conseguiam criar suas próprias regras e passar o tempo como queriam?

Claro, ele tinha tarefas que precisavam ser feitas, cavalos para levar ao haras e cercas para consertar.

Mas vivia uma vida feliz, mesmo estando sozinho. Apesar de dizer o contrário a seus irmãos, Kody às vezes *se sentia* solitário. Mas tinha sido traído não por uma, mas por duas mulheres. E não queria correr o risco novamente.

Apesar do que Rory disse.

Não procurava uma parceira só porque poderia se machucar. Não era isso que acontecia. Se encontrasse a mulher certa, poderia pensar em ficar com ela, mas isso não estava em seu radar no momento.

A dor do término do namoro ainda estava fresca em sua mente.

Tomou um grande gole de seu café e saboreou o gosto. O aroma chegou ao seu nariz e estimulou suas papilas gustativas. Estava no paraíso agora.

De repente, sentiu-se cansado. Colocando a caneca de café na mesa ao lado, fechou os olhos - por apenas alguns minutos.

Então, começou a sonhar.

A médica bonitinha estava de pé sobre ele, com o rosto próximo.

Tocava seu ombro, e ele podia sentir seu hálito quente quando ela se inclinava sobre ele. Respirou profundamente e o perfume dela atingiu seus

sentidos.

— Sr. Callahan, — a voz doce flutuou sobre ele. — Acorde, Sr. Callahan! — sua voz estava mais dura agora. Como se sua paciência tivesse se esgotado.

Ele abriu os olhos e a luz do sol bloqueou sua visão. Protegeu-os com a mão, e lá estava ela.

De pé sobre ele. Não era apenas um sonho, estava realmente ali.

E estava perto. Tão perto - à distância de um beijo.

Sacudiu o pensamento e sua cabeça doeu muito. — Ai!

Ela se levantou abruptamente. — Estou ligando há horas, para ter certeza de que estava tudo bem — olhou para ele com ar de desaprovação. — Tinha certeza de que tinha saído a cavalo novamente — então seu rosto suavizou. — Estava preocupada com você.

Ele se sentou lentamente para ter certeza de que a tontura não o atingiria. Essa criatura cruel voltaria a interná-lo no hospital se soubesse que ainda estava sentido tontura, principalmente quando se movia rápido demais. — Bem, não precisa se preocupar, estou bem — falou, um pouco irritado por ela não confiar que ele faria a coisa certa.

Ela o encarou fixamente, como se isso fosse revelar algum mistério médico. — Está sentindo alguma vertigem? Dores de cabeça? Qualquer dor?

Ele soltou um grande suspiro. — Eu. Estou. Bem — desde quando o hospital fazia visitas domiciliares, afinal? Levantou-se e foi para a cozinha. — Estou colocando a chaleira no fogo. Quer uma xícara?

Era o mínimo que podia fazer, já que ela tinha vindo de tão longe para ver como ele estava.

— Claro. — A palavra saiu de sua boca um pouco ofegante.

Ele gesticulou para que se sentasse à mesa enquanto enchia a jarra. — Chá, café, whiskey? — o último saiu em uma risada. Sentia-se nervoso perto dela, e suas palavras estavam saindo confusas.

— Café. Obrigada. — parecia um pouco mais relaxada agora. Ela sorriu e todo o seu rosto se iluminou. E o coração dele pulou uma batida.

Uau! O que foi isso?

Ele começou a normalizar a conversa. — Obrigado por me checar. Eu devia estar em um sono profundo — olhou para o relógio da cozinha. Dez da manhã. — Fechei meus olhos por apenas alguns minutos. Pelo menos foi o que pensei, e isso foi ao nascer do sol.

— Precisa descansar. — sorriu timidamente. — Quanto mais dormir, melhor se sentirá. As concussões podem ser muito perigosas se não forem tratadas adequadamente.

Ele se sentou em frente a ela e, de repente, sentiu-se constrangido. Naquele momento, a chaleira apitou. Ele se levantou para preparar as bebidas e caiu para o lado.

Sentiu as mãos dela o firmarem e o ajudarem a se sentar em uma cadeira.

— Sr. Callahan, — podia ouvir a irritação em sua voz.

— Kody — disse isso com convicção. — Por favor, me chame de Kody. Sr.

Callahan era meu pai. A última frase saiu silenciosamente. Os meninos tinham perdido os pais há muito tempo, mas ainda doía.

— Kody. — gostou da forma como o nome dele saiu dos lábios dela, mesmo que tenha sido um pouco áspero. — Não deve fazer movimentos bruscos. Ainda tem uma concussão e levará algum tempo até que ela desapareça completamente.

Olhou-a nos olhos enquanto ela se inclinava sobre ele, ainda segurando seus ombros. Aproxime-se do rosto dela. Seus olhos se fixaram nos dela e apenas um pensamento passou por sua mente. Beijá-la.

Beijá-la agora!

Ele lambeu os lábios. Ela também lambeu os dela.

Havia eletricidade entre eles. Ele a sentia e tinha certeza de que ela também. Ergueu a mão e tocou os dedos na bochecha dela.

— Eu, hum, — ela se afastou. Seus dedos foram até os lábios, como se ele a tivesse beijado. Mas não tinha.

— Molly, — disse ele, mas percebeu que estava sendo íntimo demais para a relação médico/paciente. — Dr.^a Simpson.

Queria convidá-la para sair. Obter permissão para beijá-la. Abraçá-la forte, e apenas estar com ela.

Em vez disso, perguntou como ela tomava seu café.

Ela sorriu, e ele teve certeza de que havia lido seus pensamentos. — Puro com dois torrões de açúcar.

Isso era loucura. E totalmente irracional. Era sua médica. E ele, seu paciente. Uma médica não podia se sentir atraída por um paciente.

Era antiético. Ilegal mesmo.

— Pensando bem, eu deveria ir. — Virou-se para sair, mas ele agarrou sua mão.

Não queria que ela fosse embora. Estava gostando de sua companhia, e sabia que era mais do que por se sentir um pouco solitário.

Ela observou o seu rosto, depois ergueu os olhos para fitar os dele. Eles desceram lentamente pelo rosto dele até se concentrarem em seus lábios.

Ficaram frente a frente pelo que pareceu uma eternidade. Ele lambeu os lábios e depois engoliu. Afastou os olhos para quebrar o transe em que se encontravam.

— Seu café está pronto — disse, como se nada mais tivesse acontecido.

— Eu, eu tenho que voltar, — ela mentiu, mas ele ignorou sua mentira, e lhe entregou uma caneca do líquido fumegante.

— Gostaria de dar um passeio no jardim? — talvez ela se sentisse mais confortável fora de casa. Ele poderia tomar um pouco de ar fresco, de qualquer maneira.

— Realmente tenho que ir — disse. — Estou aqui há muito mais tempo do que deveria — suspirou. Kody era bom em ler as pessoas e estava convencido de que ela não queria ir embora.

— Venha me ver no hospital amanhã — disse-lhe com autoridade. — Para

um check-up.

— Desculpe, não posso fazer isso, — disse-lhe descaradamente. — Minha médica me proibiu de dirigir — riu, e ela se juntou a ele, produzindo um delicioso tilintar que ele tinha certeza de que nunca se cansaria de ouvir.

— Então farei outra visita domiciliar — disse a ele, envolvendo as mãos em torno da caneca de café.

Ele sorriu animado. Ia ver a médica bonitinha novamente.



Molly pegou sua maleta médica e correu em direção ao carro.

Seu coração vibrava de alegria.

Ele quase a beijou - e, mais do que isso, ela queria que acontecesse. Mas ele era seu paciente, e isso não seria possível. Um médico não podia beijar seu paciente, mesmo que fosse ele quem estivesse instigando o beijo.

Sentou-se novamente no banco do motorista e colocou o cinto de segurança, depois respirou fundo. E mais uma vez. E mais outra.

O que faria? Sentiu algo por Kody desde o momento em que o viu. Continuou a chamá-lo de Sr. Callahan para tentar manter alguma distância.

Isso parecia funcionar bem. Não.

Ao ligar o motor, notou-o parado na soleira da porta acenando. Sorriu e acenou de volta.

O que ele pensaria se soubesse que era seu dia de folga e que tinha vindo por conta própria? Não mentiu para ele - estava preocupada. Quando não conseguiu entrar em contato com ele, ficou muito preocupada.

Era realmente uma idiotice. Conhecia-o há apenas alguns dias. Aliás, estava no hospital há apenas uma semana.

Era para ser sua mudança radical. Para recomeçar sua vida.

Certo, era hora de encarar a verdade. Estava fugindo. Mas nunca poderia fugir de si mesma. Ou de seus segredos.

Enquanto dirigia da propriedade de Kody, admirava a paisagem. Observou o campo. Era realmente lindo aqui.

Disseram-lhe que era tranquilo e isolado, mas ao mesmo tempo deslumbrante.

Parou no acostamento da estrada. Que diabos estava fazendo? Não podia começar um relacionamento. Não com ninguém, mas especialmente não com Kody. Por mais que se sentisse atraída por ele, essa era a última coisa em sua mente.

Tinha outras responsabilidades, e deveriam estar em primeiro lugar. Como seus deveres no hospital, e...

Havia se esforçado tanto para se tornar médica, apesar de todas as adversidades. Mas conseguiu, e não estava preparada para jogar tudo fora.

Talvez quando se estabelecesse.

A quem estava enganando? Nunca estaria pronta. Nunca.

Soltou o cinto de segurança e saiu do carro para tomar um pouco de ar fresco. Olhando para a cordilheira de Montana, percebeu que poderia facilmente passar o resto de sua vida aqui.

E sabia que isso nunca aconteceria.



Já era o bastante.

Kody terminou seu café assim que o sol começou a nascer.

Calçou suas botas de trabalho e colocou seu chapéu de caubói na cabeça.

— Ai! — rapidamente o removeu.

Não importava o que a médica dissesse, faria tarefas leves e não havia nada que ela pudesse fazer a respeito.

Primeiro, limparia os estábulos. Certamente não poderia causar mais danos com essa simples tarefa.

Entrou nos estábulos e imediatamente sentiu o cheiro de cavalos e feno. Sentiu falta de vir aqui todos os dias. Sua estadia no hospital o havia deixado fora de ação por apenas dois dias, mas ainda assim, quando se tratava de algo que se amava...

Cracker veio cumprimentá-lo, inclinando a cabeça sobre a baia. — Olá, amigo. Senti sua falta, — enquanto o cavalo mordia seu pescoço. Enfiou a mão no bolso e tirou uma cenoura, que foi rapidamente aceita e consumida.

O cavalo esfregou a cabeça no ombro de Kody. Aparentemente, ele também sentia falta do contato com seu dono.

Abrindo a porta da baia de Cracker, Kody pegou a pá e começou a limpá-la. O ajudante do estábulo de Rory tinha feito um ótimo trabalho enquanto ele se recuperava, mas agora ele mesmo podia fazer isso.

Pelo menos achava que podia.

Quando se inclinou para a frente para enfiar a pá no feno bagunçado pela terceira vez, sentiu uma dor intensa. — Que diabos...? — não esperava isso.

— Boa pergunta.

Virou-se ao ouvir a voz de Molly e quase caiu.. — O que está fazendo aqui tão cedo? — não queria que a frase saísse tão rude, mas saiu. Ele tinha sido claro ao falar com ela.

Não achava que ela já tivesse saído da cama, muito menos que fosse fazer uma visita domiciliar antes das 7h.

— Eu, eu vim checá-lo. Para...

Ele a interrompeu no meio da frase. — Para ter certeza de que estava fazendo a coisa certa.

Ela parecia irritada. — Vim me certificar de que estava bem. Eu sabia que se levantava ao nascer do sol, então decidi vir antes de começar meu turno às 7h. — colocou as mãos nos quadris e o encarou.

Não conseguiu se conter e sorriu. Ela ficava tão bonita quando estava brava.

— Sabe que pode arrebentar os pontos — disse isso de forma convincente, e ele não tinha certeza se falava sério ou não. Mesmo brava, era atraente.

Estava preso no lugar. Kody não conseguia se mexer. Sentia-se tão encantado com sua beleza e seu charme. Era a mulher mais encantadora que ele já tinha conhecido. E olha que já tinha conhecido algumas.

— Diga-me que ainda não fez nada — sua voz estava rouca, ficando mais irritada quanto mais demorava a responder. — Kody. Sério? Vai simplesmente me ignorar?

Ele ainda segurava a pá no ar. Balançou a cabeça para clarear a mente, mas isso só causou mais dor.

— Ok, doutora — disse. — Você venceu. — saiu da baía e devolveu a pá para o final dos estábulos.

Ouviu a respiração dela saindo dos pulmões enquanto suspirava de alívio.

Olhou para seus olhos amendoados. Eram os mais belos olhos azuis cristalinos que ele já tinha visto. Ainda assim, parecia suspeito.

Ficou ali hipnotizado pelo que pareceu uma eternidade.

Cracker relinchou e o tirou de seu devaneio. — Seus olhos são lindos — não tinha a intenção de dizer isso em voz alta, mas estava tão fascinado por eles que as palavras saíram de sua boca antes que ele pudesse detê-las.

Seu coração fez uma pequena dança com o pequeno sorriso que apareceu momentaneamente e depois desapareceu com a mesma rapidez.

Ela o observou por meros momentos, então ignorou suas palavras.

— Saia, por favor. Preciso checar esse ferimento — virou-se e saiu dos estábulos. Era realmente bonita quando estava brava.

CAPÍTULO DOIS



— Arrebentou alguns pontos. — disse voz baixa, como se já esperasse por isso. O que era verdade.

Kody não fazia ideia de que sua pequena atividade física pudesse causar tantos danos, tinha certeza disso.

Sentia-se misteriosamente atraída por ele, mas às vezes o achava incrivelmente frustrante.

Ele levou a mão à cabeça. — Sério?

Ela gemeu. Momentos atrás, ele tinha colocado a mão em uma pá suja e agora estava tocando seus pontos.

Terra dos germes.

— Sim, Kody. Sério. — suspirou. Já deveria estar acostumada com esse tipo de coisa. A maioria das pessoas não entendia as implicações de colocar as mãos sujas perto de feridas abertas.

Fechou sua maleta médica. — Teremos que ir ao hospital e costurar sua cabeça novamente. — olhou-o com firmeza. Não se importava se ele percebia que ela estava irritada.

Porque estava irritada!

E frustrada. Zangada. Decepcionada. Além de várias outras coisas que não podia começar a verbalizar agora por medo de perturbar seu paciente.

É claro que não podia lhe dizer essas coisas. Seria incrivelmente antiprofissional de sua parte. Em vez disso, colocou um curativo limpo em sua cabeça e o prendeu com esparadrapo.

Seria o suficiente até chegarem ao hospital.

A viagem de carro foi tranquila. Não havia muito o que dizer. Ele tinha sido um idiota e pagou o preço.

— Quer ligar para um de seus irmãos? — perguntou quando chegaram. — Precisará que alguém venha buscá-lo.

Ele deu de ombros. — Acho que sim.

— Não posso levá-lo de volta. Desculpe. Tenho que começar meu turno em breve.

Ligou para Jordon, que era veterinário, como lhe havia dito. Ele estaria fora de casa, então provavelmente seria mais fácil para ele vir.

Kody ficou sentado em silêncio enquanto ela se preparava para costurar sua cabeça. — Sinto muito — disse ela. — Mas tenho que aplicar a anestesia local novamente. Essa é a pior parte.

— Acho que é isso que eu ganho por ser estúpido, não é doutora?

— Que diabos, mano? Nem mesmo os animais arreventam os pontos — disse Jordan pairando acima da cabeça de Kody. — Fez um bom trabalho.

Molly enrolou protetores à prova d'água em volta do ombro dele para impedir que a roupa ficasse coberta de sangue.

Não que estivesse sangrando muito, mas sangrava. Melhor prevenir do que remediar.

— Prometo que não farei isso de novo, Molly, — disse ele, e Jordon ergueu as sobrancelhas. Foi nesse momento que Molly decidiu que precisava manter distância de Kody. Seu paciente.

Seu paciente muito atraente, mas, mesmo assim, seu paciente.

Não que estivesse em condições de ter um relacionamento. Sua vida havia mudado drasticamente no último ano, daí sua transferência para esse pequeno hospital do interior.

Poderia se esconder facilmente aqui. Poucas pessoas sabiam que essa cidade existia, e muito menos a procuravam ali.

Por outro lado, poderia ser mais fácil encontrar alguém em uma cidade pequena - porque todos se conheciam.

Ela suspirou.

— Pronto — ocupou-se empacotando o equipamento que usou. — Por favor, *por favor*, não limpe os estábulos novamente. Ou faça qualquer outra coisa que possa lhe causar problemas.

Ela se voltou para Jordon. — Você e seus irmãos podem ficar de olho nesse seu irmão obstinado? Ele está se tornando a ruína da minha vida.

Com isso, ela olhou para Kody, sorriu e tocou em seu ombro. — Por favor, se cuide — disse. Depois se virou e saiu.



— O que está acontecendo? — Jordan perguntou.

Kody deu de ombros enquanto caminhavam em direção à caminhonete de Jordan. — Nada está acontecendo. O que quer dizer?

Era óbvio que Jordan não estava convencido. — Eu vi o jeito que olhou para ela. E o jeito que ela te olhou — ergueu as sobrancelhas novamente. — Definitivamente há algo entre os dois. Até o cego Freddie veria.

Kody sorriu enquanto colocava o cinto. — Ela é muito bonita, né? — olhou para seu irmão, então limpou a garganta. — Quero dizer, para uma médica, ela é...

— Para uma médica? — Jordan olhou para seu irmão. — Então ela não pode ser bonita sendo médica? Inferno, Kody! — ligou o motor, obviamente exasperado. — De qualquer forma, pensei que tinha desistido das mulheres.

Duas vezes mordido e tal. Pelo menos foi o que disse depois de Annabelle.

Kody estremeceu. — Nunca mais quero ouvir esse nome. Além disso, ela não é nada como Annabelle. Ela é doce, gentil, linda. E é...

— Provavelmente comprometida.

Kody olhou para cima abruptamente. Seu irmão talvez tivesse razão. Não era algo em que havia pensado. Se ela era tudo o que pensava que era, então provavelmente *tinha* um namorado. Ou um marido.

— Droga. Eu nem considerarei isso — ficou pensativo pelo resto da viagem, sem dizer uma palavra para seu irmão curioso.

Quando chegou em casa, Kody descobriu um dos ajudantes de Rory limpando o estábulo. — Eu tentei fazer isso — começou a explicar.

— Sim, eu ouvi, — Pete respondeu. — Também ouvi que arrebentou alguns pontos. Não é legal, cara. Apenas deixe comigo até que as coisas melhorem.

Kody tocou a mão na cabeça recém-enfaixada. — Acho que sim. Obrigado, Pete. Agradeço muito. — Mas Kody não resistiu a passar algum tempo com Cracker.

Caminhou até a baia e chamou o cavalo, seduzindo-o com um pouco de maçã. Cracker relinchou, e Kody estendeu a maçã para ele pegar.

Caminhou os poucos passos até a sala de arreios e pegou um cabresto. Como estava proibido de cavalgar, decidiu passear com Cracker pelo cercado da frente. Dessa forma, ambos teriam um pouco de alongamento. Certamente não poderia arrebentar seus pontos novamente só andando, não é??

Uma vez que a maçã foi consumida, o que não demorou muito, gentilmente colocou o cabresto sobre a cabeça do cavalo. Abriu a porta da baia, e o par caminhou em direção ao paddock da frente, Kody falando em voz baixa.

Parecia uma eternidade desde que esteve com esse menino lindo, mas foram apenas alguns dias.

— O que farei, garoto? — esfregou a mão para cima e para baixo no focinho de Cracker. — E se ela *for comprometida*? Acho que eu não aguentaria — avançaram mais uns cem metros, então começaram a andar em círculos ao redor do paddock.

— Se ela for comprometida, por que daria sinais como se não fosse? — agora estava confuso. Ou talvez fosse tudo unilateral. Estava lendo algo que simplesmente não acontecia?

Sua cabeça doía pensando em todas as possibilidades, mas precisava saber. Ela estava tão interessada nele, quanto ele nela? Molly parecia interessada. Inferno, ela quase o beijou ontem.

Ok, ele quase a beijou, mas não era a mesma coisa? Coçou levemente a cabeça, prometendo não causar mais danos. Era a mesma coisa?

Pegou outro pedaço de maçã e deu a seu companheiro equino, esfregando os dedos no focinho do cavalo. — O que acha, Cracker? Ela gosta de nós?

O cavalo relinchou em concordância, e a dupla continuou sua caminhada pelo cercado.

Não saber o estava matando, então Kody prometeu descobrir mais sobre a misteriosa Dr.^a Molly Simpson - de uma forma ou de outra.

Estava com dor de cabeça, então voltou para os estábulos. Pelo menos não precisava de muito poder cerebral para fazer isso.



Molly balançou a cabeça.

O que diabos ela estava pensando?

Toda vez que tocava Kody Callahan, uma emoção a percorria. Seu coração disparava, batia descontroladamente. Às vezes, quando ele estava por perto, começava até a suar.

Sentia-se como uma adolescente apaixonada, pensando nele o tempo todo. Teve até que se impedir de ligar para ele em várias ocasiões.

Quando ele se aproximou em sua casa do rancho, ficou tão tentada a se conectar com ele, a beijá-lo, mas recuou no último momento.

Levou os dedos aos lábios.

Isso era se apaixonar, ou estava simplesmente exagerando?

Não que estivesse procurando por um companheiro, porque não estava.

Sua vida estava muito complicada para se envolver com alguém. Mesmo alguém tão atraente quanto Kody.

Um calafrio percorreu sua espinha e a tristeza tomou conta dela. De todas as vezes em sua vida que poderia tê-lo conhecido, tinha que ser agora.

Por que não há um ano?

Já havia se formado na faculdade de medicina naquele momento e era totalmente qualificada. Trabalhou um tempo na clínica geral e tinha uma vida tranquila, embora em outro estado. Claro, trabalhava longas horas, como os residentes são obrigados a fazer, e tinha muito pouco tempo para uma vida social.

Teria encontrado uma maneira de contornar isso e tinha certeza de que ele também o faria.

Mas agora... era impossível.

Sua vida havia mudado irreversivelmente. Tinha responsabilidades. Agora sua vida era muito diferente do que há apenas um ano.

E não podia mais pensar apenas em si mesma.

Saiu do departamento de emergência, pronta para fazer suas rondas na enfermaria. Engoliu em seco e lutou contra as lágrimas. Por que outro médico não foi designado para cuidar de Kody quando foi trazido?

Se isso tivesse ocorrido, não teria que escolher, e seu coração não seria dividido em dois como estava agora.



Kody estava farto de fazer tarefas leves. Frustrado por não poder cavalgar. E francamente entediado.

Estava deitado em sua espreguiçadeira bebendo mais uma caneca de café e observando o sol nascer. Contou os minutos.

Em apenas 372 minutos teria seus pontos removidos.

E veria Molly novamente.

Não tinha posto os olhos nela por quase duas semanas.

Desde que arrebentou os pontos.

Não estava disposto a rompê-los novamente só para vê-la, portanto não tinha nenhuma desculpa válida para visitá-la no hospital.

Engoliu as últimas gotas de seu café e bateu a caneca na mesa.

Calçou as botas de trabalho e se dirigiu aos estábulos. Primeiro trabalho do dia - passear com Cracker. Estava ansioso para fazer as caminhadas diárias, mas preferia montá-lo.

Não havia feito a pergunta, portanto não tinha ideia se poderia voltar a montar em um cavalo naquele momento. Sentia-se frustrado com a situação, mas não era estúpido. Não correria o risco de causar mais danos.

— Ei, garoto. — Chamou o cavalo enquanto se dirigia para a sala de arreios. Depois de colocar o cabresto na cabeça do cavalo, ofereceu-lhe uma cenoura. A dupla então se dirigiu para o paddock da frente.

Era chato andar com Cracker todos os dias; preferiria montá-lo, mas este era o melhor cenário disponível agora, então teria que viver com isso.

Ao deixarem os estábulos, falou baixinho com o cavalo. — Mal posso esperar para vê-la novamente, garoto — disse. — Eu me pergunto se ela sentiu minha falta tanto quanto senti a dela.

Kody se inclinou para perto de Cracker que relinchou no pescoço de seu dono e, enquanto isso, Kody olhou para o céu e se deleitou com a visão.

Deram mais duas voltas no paddock, então Kody o levou de volta aos estábulos, lhe deu uma boa escovada e o alimentou.

Depois de preparar uma boa xícara de café forte, Kody foi ao escritório para fazer alguns trabalhos administrativos. Não tendo permissão para fazer nada físico, estava tirando o atraso com a papelada. Além disso, levaria bastante tempo antes de ir ao hospital.

— Ei, Kody! — Chase enfiou a cabeça pela porta do escritório e o olhou. — Está pronto? Não quero me atrasar para o seu compromisso.

Kody suspirou e encarou seu irmão. Ele realmente queria se submeter a essa tortura? A retirada dos pontos não incomodava; era a tortura de ver Molly e não poder tocá-la que o fazia.

Não poder estar perto dela.

Querendo tão incrivelmente beijá-la.

— Não se estresse, mano, encontrará um jeito. — Era como se Chase pudesse ler sua mente.

Levantou-se e se espreguiçou. Estava sentado naquela mesa há mais de duas horas. Pelo menos havia recuperado o atraso e não precisaria se preocupar por um tempo

Respirou fundo e se firmou. Seu irmão permaneceu em silêncio,

observando cada movimento seu. Os cantos de sua boca se ergueram ligeiramente.

Ficaram em silêncio na viagem para o hospital. Pareceram horas em vez dos quarenta minutos que levou.

— Sente-se bem, mano? — Chase perguntou. — Além da cabeça, quero dizer? Está terrivelmente quieto, mesmo para você.

— Você não entenderia, — disse a seu irmão depois de um longo momento de reflexão.

— Teste-me. — Chase tirou os olhos da estrada momentaneamente para olhar para Kody. — Qual é o pior que poderia acontecer? Quer dizer, eu sou seu irmão. Estive onde está agora.

Kody franziu a testa. — Não, não esteve. Assim, não. — Virou a cabeça e olhou pela janela, de mau humor até chegarem ao seu destino.

Enquanto entravam no hospital, Kody ouviu o tilintar de uma risada. Sabia exatamente a quem aquele som pertencia.

Reconheceria sua voz em qualquer lugar. Era calma, confiante, mas autoritária ao mesmo tempo. Não que tivesse visto por si mesmo, mas tinha certeza de que seria brincalhona quando a situação se apresentasse.

Queria muito ver por si mesmo.

Enquanto caminhava em direção ao balcão da recepção, ele a viu. Estava curvada, pegando algo do chão.

Seus olhos encontraram os dele e ambos congelaram. Seu rosto suavizou, e ela sorriu para ele. Mas com a mesma rapidez, endureceu mais uma vez.

Falou baixinho com Natalie, a recepcionista do hospital, então fez sinal para ele entrar na sala de tratamento.

— Vou esperar aqui — Chase lhe disse enquanto se sentava em uma das cadeiras da sala de espera. Kody imaginou que estava tentando lhes dar um pouco de privacidade.

Kody sentou-se e esperou. Seu coração disparou e se sentiu tonto. Sabia que não era por causa de sua lesão, era por causa da conversa que pretendia ter com o Dr^a. Simpson. Molly.

Sentiu seu primeiro toque quando ela começou a desfazer o curativo de sua cabeça e a observou jogá-lo no lixo.

Enquanto ela apalpava os pontos, certificando-se de que todos haviam cicatrizado, ele tentou desacelerar o batimento cardíaco, respirando longa e firmemente.

Fechou os olhos, esperando que isso ajudasse. Não ajudou.

— Certo. Então, estou prestes a remover os pontos — disse. — Não doerá, mas pode parecer estranho — estendeu a mão e desembulhou o equipamento esterilizado de que precisava.

— Preparado?

Ele respirou fundo. — Pronto como sempre.

Kody sentou-se calmo e em silêncio enquanto cada ponto saía. Depois que terminou, Molly explicou que ainda precisava estar vigilante e cuidar de si

mesmo, mas poderia começar a fazer *algum* trabalho físico, porém tinha que ir devagar.

— Isso não é uma licença para se esforçar e fazer o que quiser, — ela o lembrou. — Dê a si mesmo tempo para se curar adequadamente.

— Obrigado, Molly. Eu vou, — prometeu enquanto se levantava.

Mas se levantou rápido demais e perdeu o equilíbrio. Molly agarrou seus ombros, e Kody sentiu o choque percorrê-lo na velocidade da luz.

Olhou-a nos olhos e descobriu que estava focada nele. Ela sentiu isso também. Tinha certeza que sim.

Ela ficou segurando seus ombros por uma eternidade enquanto ficaram olhando um para o outro. As batidas de seu coração diminuíram um pouco, até que finalmente ela virou a cabeça.

— Kody.

Ele não sabia o que dizer. Foram feitos um para o outro. Sabia disso e ela também.

Almas gêmeas.

Nunca se sentiu assim antes, e podia sentir isso em seu coração.

Por fim, ela tirou as mãos de seus ombros e, sem aviso, colocou uma delas sobre o coração dele.

— Kody. — ficou olhando para o rosto dele enquanto continuava a sentir seu coração bater. — Há tanta coisa que quero lhe dizer — disse, quase inaudível. Seu coração começou a bater mais rápido do que antes, e ele podia senti-lo pulsando em seus ouvidos.

Ela finalmente o deixaria entrar? Seu coração disparou de felicidade. Não conseguia tirar o sorriso do rosto.

— Eu — ela lambeu os lábios e seus olhos começaram a se encher de lágrimas. — Eu realmente quero estar com você — sussurrou tão baixinho que ele mal a ouviu.

Não entendeu suas lágrimas, de felicidade talvez, mas tomou isso como uma aceitação, e se moveu em direção a ela, seus olhos focados em sua boca. Ela lambeu os lábios, e ele se viu lambendo os dela também. Quando se aproximou, gentilmente roçou seus lábios contra os dela.

Gostava de beijá-la, de estar perto dela, de senti-la.

Ela fechou os olhos e suspirou contra sua bochecha, e percebeu que ela sentia a mesma conexão que ele. A mão dele subiu para tocar o seu rosto, e ela cobriu sua mão com a dela.

Queria estar o mais próximo possível dela, então a abraçou e a puxou para perto de si.

Ela encostou a cabeça em seu ombro, e ele a ouviu suspirar novamente.

Estavam destinados a ficar juntos - sabia disso. Ela também sabia, caso contrário não teria reagido dessa forma.

Ficaram juntos por alguns minutos e, de repente, ela se soltou de seu abraço.

Olhou profundamente nos olhos dele e falou em um sussurro. — Não

posso. Não podemos — seu olhar era de desculpas, como se realmente quisesse isso, mas achasse que era uma tarefa impossível.

Ele ergueu a mão dela e a segurou contra o peito. — Não há razão... — começou, mas ela rapidamente o interrompeu.

— Sim. Sim, há — uma lágrima escorreu por seu rosto, e ele a enxugou com os dedos. — Eu não posso fazer isso.

Ele não achava possível, mas seu coração batia ainda mais rápido. *O que ela queria dizer que ela não podia fazer isso?*

Era porque ele era seu paciente? Poderia consertar isso facilmente - pediria outro médico.

— Molly, — sua voz era tão suave agora, e não tinha certeza se ela tinha ouvido. — Podemos resolver quaisquer problemas que possam surgir...

— Isto não tem conserto, — ela disse bruscamente e puxou sua mão de seu aperto.

Olhou-o com tristeza, então se virou e foi embora, os ombros caídos.

Seguiu-a até a porta, então a ficou observando.

Chase o encontrou na porta. — Isso não parece bom, mano, — disse calmamente.

Kody balançou a cabeça, sem saber se conseguiria encontrar as palavras. — Não — finalmente disse depois de longos momentos. — Não, realmente não parece.

CAPÍTULO TRÊS



Molly endireitou os ombros e se afastou sem olhar para trás.

Não ousou, com medo de ceder aos seus sentimentos.

Enquanto se dirigia ao seu escritório, enxugou o rosto. A decisão foi tomada, então por que ela estava tão infeliz?

Porque você sente algo por ele.

Balançou a cabeça contra seus pensamentos errantes. Conhecia Kody há apenas algumas semanas, mas, nesse curto espaço de tempo, ele havia conseguido entrar em sua pele.

Como ninguém jamais havia feito antes.

Ao longo dos anos, havia saído com vários homens, mas nenhum deles a afetou como Kody. Ele tinha uma atitude descontraída que a contagiou. Quando estava perto dele, ficava mais relaxada e não sucumbia à agitação que a cercava.

E sentia-se incrivelmente segura em seus braços. Esse pensamento a fez conter um soluço.

Sua atração por ele era tão grande que chegava a ser estranha. Mesmo naquele primeiro dia no departamento de emergência, havia algo nele que a conectava a ele.

Nunca havia experimentado isso antes em toda a sua vida.

Por que precisava acontecer agora? Sua vida havia mudado de forma irreversível e, por mais que desejasse que isso acontecesse, Kody não se encaixava nos planos.

Enxugou as lágrimas e correu para o consultório, não querendo ser vista naquele estado.

— Dr^a. Simpson? — ouviu o chamado atrás de si, mas preferiu ignorá-lo e fingir que não tinha escutado. No momento, não estava em condições de falar com ninguém.

Assim que entrou em seu escritório, bateu a porta atrás de si. Molly sentou-se à sua mesa, levou as mãos ao rosto e chorou até não haver mais lágrimas.



— Então, o que fará a respeito? — Chase sentou-se em sua cadeira e pressionou o irmão para que respondesse. Podia ver como sofria. Diabos, ele já havia passado por isso, sabia como era.

— Eu, eu não sei, — sussurrou Kody, seu sofrimento evidente. — Às vezes parece ser unilateral - do meu lado. E em outras ela reage a mim. Não sei em que pé estou.

Enquanto estavam sentados na sala de estar de Kody tomando café, Chase o provocou. — Precisa ser mais franco. Eu sei — disse ele. — Sei que você não é assim. É mais do tipo descontraído, mas como parece que se importa com ela, e eu acho que é, tem de ir atrás dela. — Chase se recostou na cadeira e olhou para o irmão, desafiando-o a negar tudo.

Kody suspirou. — Sinceramente, não sei o que fazer — colocou o chapéu em volta dos joelhos. — Ela parece estar escondendo algo, mas não faço ideia do que seja — levantou-se e começou a andar de um lado para o outro enquanto passava os dedos pelos cabelos.

Chase o observou. — Escondendo algo? Tem certeza? — isso era novo. Kody nunca havia mencionado algo assim antes.

— Sim. Não. — Kody estava indeciso. — Não, acho que não tenho certeza — foi até a cadeira e se sentou mais uma vez.

Chase ficou encarando-o, refletindo em silêncio. — Envie-lhe algumas flores — deixou escapar de repente. — Mulheres adoram flores. — recostou-se na cadeira sorrindo. — Sim, as flores farão o truque.

Kody passou os dedos pelo queixo não barbeado. — Acha mesmo? — obviamente não estava convencido.

— Sim, claro. Definitivamente, — disse Chase, um pouco inseguro, mas pelo menos isso significava que Kody estaria fazendo *alguma coisa*, em vez de ficar sentado procrastinando.

Kody mexeu em seu celular por alguns minutos, depois pegou o telefone e discou. — Alô? Sim, eu gostaria de enviar uma dúzia de rosas vermelhas, por favor.



Molly estava sentada em seu escritório cuidando da papelada. Era a última coisa que ela queria fazer, mas estava atrasada e tinha que lidar com isso mais cedo ou mais tarde.

Seria mais cedo, então.

Esfregou o pescoço por causa da cãibra que sentia. Estava sentada no mesmo lugar há tempo demais.

— Dr^a. Simpson? Molly Simpson? — um estranho perguntou, meio virado na porta do escritório dela.

— Sim? — Não tinha tempo para distrações. Precisava passar por essa pilha de formulários irritante, mas necessária, antes do final do dia.

O estranho se virou e entrou em seu escritório. Ele segurava um magnífico

buquê de rosas vermelhas. A fragrância a atingiu antes mesmo de chegarem perto dela.

— Onde quer que eu as coloque, madame? — perguntou o entregador, esperando instruções.

Molly olhou ao redor da sala, ainda assustada com a surpresa. — Ah, aqui na escrivaninha está bom, obrigada.

Ao sair da sala, Molly respirou profundamente, mergulhando no magnífico aroma das lindas flores que estavam ali mesmo em sua mesa.

Aproximou-se e pegou o pequeno cartão entre as hastes. *O amor encontrará um caminho*. Olhou fixamente para as palavras escritas à mão no cartão.

Lágrimas ameaçavam brotar em seus olhos, mas lutou contra elas com todas as suas forças. Não! Seria forte. Tinha decidido não se envolver, e nada a faria mudar de ideia.

Voltou a ler o cartão e olhou fixamente para as palavras: *O amor encontrará um caminho*. Ele estava certo, sabia que tinha razão, mas não nessa situação.

Havia mais em jogo do que ele poderia imaginar. Fechou os olhos e imaginou como seria estar nos braços de Kody todas as noites. Sentiu-se balançar ao pensar nisso.

Seu coração estava se partindo em dois. Apesar de conhecê-lo há muito pouco tempo, sabia que já estava se apaixonando.

Por um homem que mal conhecia.

Sacudiu-se. Isso nunca aconteceria. Não poderia trazer um estranho.....

Fechou os olhos contra o pensamento. Não podia. Ela simplesmente não podia. Não importava como se sentia, não importava o que seu coração estava lhe dizendo. Seu bom senso lhe dizia o contrário.



— Diga-me novamente por que reclama toda vez que chega outro ramo de flores. — Natalie estava se tornando mais uma amiga do que apenas a recepcionista do hospital.

Molly estremeceu. — Por que ele é um paciente? — Sabia que era uma desculpa fraca, e Natalie também. Mas era o melhor que tinha por enquanto.

— Isso é fácil de consertar — disse Natalie, afastando sua desculpa. — De agora em diante, eu o designarei para o Dr. Brown. Além disso, o liberou depois que os pontos foram retirados — olhou para Molly, desafiando-a a negar. — Ele não é mais seu paciente. Próxima desculpa?

Natalie a conhecia muito bem. E sabia que a relação paciente/médico também era uma desculpa. Mas por mais que tenham se tornado amigas, Natalie nunca esteve em sua casa. Não conhecia a história completa, e esperava que não conhecesse.

Molly não queria colocar sua amiga em perigo. Gostava muito dela para

isso.

Todos os dias as flores chegavam. A cada dia era uma flor romântica diferente, a flor de hoje eram tulipas. Já tinha rosas, cravos, lírios, orquídeas, margaridas, íris e até girassóis. Perguntou-se o que poderia ser a seguir.

O que ela estava pensando? A procissão de flores tinha que parar!

Quando se inclinou para cheirar as tulipas, Natalie a olhou. — Se eu tivesse um cara que mandasse flores todos os dias para chamar minha atenção, eu certamente estaria prestando atenção — disse. Franziu a testa, como se tivesse tido um pensamento repentino.

— Qual é a verdadeira razão pela qual continua se afastando? — Natalie perguntou. — Ele parece ser um cara muito legal.

Molly deslizou em sua cadeira de escritório e suspirou. — Ele é — disse. — Ele realmente é. Se o tivesse conhecido há um ano, teria agarrado a oportunidade com as duas mãos. — colocou as duas mãos na mesa à sua frente, como se estivesse tentando parar de se mexer. — Não consigo parar de pensar nele. Ou sobre como um ano fez uma diferença tão grande em minha vida.

Ofeçou de repente, percebendo que havia falado demais.

Natalie franziu a testa. — O que significa isso? — perguntou com cautela.

Estava na hora. Precisava desabafar, mas só se Natalie concordasse em guardar segredo. — Pegue um café — ordenou à sua amiga. — Vai precisar.



— Feliz Dia dos Namorados, Dr^a. Simpson. — Natalie cumprimentou Molly com um grande sorriso no rosto.

Teve uma noite sem dormir, pensando em Kody, e remoendo as coisas em sua mente, depois de desnudar sua alma para Natalie.

Esforçou-se muito para encontrar uma maneira de incluí-lo em sua vida. Realmente tentou.

Mas não conseguiu.

Sua vida já era bastante ocupada aqui no hospital, além de suas responsabilidades em casa. Não conseguia ver como poderia incluir um homem em sua vida também.

Além disso, ele tinha uma grande família. Todos capazes de espalhar a notícia.

Ela se abalou. Isso nunca funcionaria.

— Feliz Dia dos Namorados, Dr^a. Simpson. — A secretária do departamento a cumprimentou com um grande sorriso. O que estava acontecendo com as pessoas hoje?

Acenou-lhe amigavelmente e se dirigiu ao seu escritório. Pelo menos colocaram um sorriso em seu rosto e a ajudaram a sair de seu mau humor.

Ao entrar em seu escritório, ficou imóvel, observando a cena ao seu redor. As flores estavam por toda parte. Na mesa, nos armários, nas cadeiras e até no

chão.

Mal havia espaço para se mover.

Estava atônita com a quantidade de flores que a confrontavam. E certamente foi confrontada - pela beleza de tudo isso.

Respirou profundamente. O aroma atingiu suas narinas e uma visão de Kody lhe veio à mente. Só podia ser ele. Ninguém mais se daria a tanto trabalho por ela.

Aproximou-se de um buquê sobre a escrivaninha e retirou o pequeno cartão.

Saudade de você.

Foi até a próxima cesta de flores e tirou o bilhete. *Seja minha.*

E outro dizia: *Tenho sentimentos por você.* E no outro: *Você está no meu coração.*

Amor conquista tudo.

O amor é mágico.

O amor Acontece.

Dois corações entrelaçados.

O amor não é nossa escolha, mas nosso destino.

Sentindo-se mais do que um pouco emocionada, Molly juntou todos os cartões e os segurou em seu coração.

— Ele a ama realmente. — Natalie disse, dando um passo em direção à sua amiga.

Molly a olhou e estremeceu. — Sabe que não posso ficar com ele, — sussurrou. — Mesmo que eu queira.

— Molly, — Natalie disse calmamente. — Apenas conte a ele. Pelo amor de Deus, diga ao homem. Ele merece saber — ficou olhando para Molly pelo que pareceu uma eternidade, então saiu.

Molly pegou o telefone. O que ela iria dizer a ele? O telefone tocou por um bom tempo antes de atender.

— Você ligou... — bateu o telefone. Por que diabos estava ligando para ele? Isso apenas lhe daria a entender que havia uma chance para eles. Aos dois. Juntos. Como um casal.

E não havia.



Ele desligou a secretária eletrônica.

Só podia ser ela. Além das ligações de negócios, Kody raramente recebia chamadas telefônicas.

Isso devia ser um bom sinal, certo? Sorriu. É claro que era um bom sinal. Ela estava se curvando.

Ele havia mandado flores todos os dias durante duas semanas até o dia de hoje. Dia dos Namorados. Tinha custado uma bomba, mas não se importava. Ela importava mais para ele do que dinheiro.

E se seu plano não funcionasse? O que faria então? Kody se enrijeceu. Não tinha pensado nisso com tanta antecedência.

Mas já que ela parecia estar cedendo, ele tiraria vantagem. Barbeou-se e entrou no chuveiro; como havia trabalhado no rancho a maior parte do dia, provavelmente cheirava a cavalo. Passou um pouco de colônia e vestiu sua melhor roupa casual.

Estava pronto para tudo.

Sentou-se em sua caminhonete no estacionamento do hospital, com as mãos espalmadas no volante. E se ela se recusasse a sair com ele? Ou pior, se ela se recusasse a vê-lo?

Kody sacudiu a cabeça, tentando afastar os pensamentos negativos. Ele não podia se permitir esse tipo de pensamento. Tinha de ser positivo.

Depois de se preocupar consigo mesmo por mais de dez minutos, finalmente saiu da caminhonete. Andou uns vinte passos em direção à entrada, depois andou de um lado para o outro, tentando criar coragem para passar pela porta.

E se ela dissesse não, depois de tudo o que ele fez?

Endireitou-se, enrijeceu os ombros e entrou em um rompante.

A recepcionista estava radiante. — Bom vê-lo, Sr. Callahan — disse, com um sorriso que lhe indicava que ela sabia mais do que uma recepcionista comum deveria saber. — Suponho que esteja aqui para ver a Dr^a. Simpson.

Não era uma pergunta. Ela foi bastante assertiva.

Kody sentiu-se relaxar. Ou estava recuando? Não, nunca!

Ela se inclinou para frente e sussurrou para que só ele pudesse ouvir. — As flores são lindas — disse. — Não aceite *não* como resposta.

— Não pretendo — sussurrou de volta.

Ela se ergueu e assentiu. — Bom. Siga-me.

O percurso até o escritório de Molly parecia demorar uma eternidade, como se estivesse caminhando para uma execução. Quanto mais andava, mais seu coração acelerava. Enxugou o suor acima do lábio.

— Eu sou Natalie, a propósito, — ela lhe disse. — Não se estresse, ficará tudo bem — colocou a mão no ombro dele, como se quisesse tranquilizá-lo ainda mais.

— Espero que sim, Natalie — disse quando chegaram a um escritório que tinha o nome de Molly na porta.

Natalie bateu levemente, então abriu a porta. — Você tem um visitante, — disse, então piscou para Kody e o empurrou para dentro. Fechou a porta assim que ele entrou.

Molly ergueu os olhos do que estava fazendo. Obviamente assustada com a interrupção. — Kody, — disse. — Não esperava vê-lo hoje.

— E, no entanto, aqui estou eu — disse, sem saber mais o que dizer.

Ele olhou ao redor da sala, pegando as cestas de flores que havia enviado. Elas eram lindas, muito lindas. E cheiravam tão bem também.

Ela indicou para que ele se sentasse, e ele o fez rapidamente antes que ela

mudasse de ideia. — Como tem passado, Molly? — queria realmente saber. Sentia muita falta dela.

— Bem. E você? — perguntou, provavelmente por boas maneiras. — Como está sua cabeça agora?

— Está bem. Eu estou bem também, — disse, sentindo-se um pouco estranho neste momento. — Jante comigo — deixou escapar, não querendo ser tão aberto, mas em retrospectiva percebendo que era a melhor maneira de dar conta das circunstâncias.

Ela se recostou na cadeira e afastou um pouco de cabelo do rosto. — Estou amarrada aqui — disse, acenando com as mãos sobre os papéis sobre a mesa.

Estava desapontado, não se enganaria. Mas sabia que não seria fácil. Passou literalmente semanas tentando se aproximar dessa mulher teimosa, e o fato de ela não ter enviado suas flores de volta dizia muito para ele.

Inclinou-se o mais perto que pôde. Olhou para ela por cima da mesa. Era tudo que podia fazer para se impedir de pular por cima e beijá-la sem sentido. — Você tem que comer em algum momento — disse em vez disso. Em seguida, recostou-se na cadeira e cruzou os braços. — Posso esperar até que esteja pronta.

Encarou-a, desafiando-a a dizer não.

— Kody, eu...

Ele parou de suspirar alto. Sabia que isso poderia acontecer. — Não aceitarei um não como resposta — disse com assertividade. — Não há razão para que não faça isso.

Ela o interrompeu antes que ele pudesse terminar. — Existe, — disse calmamente. — Eu deveria ter dito a você há muito tempo.

Ele se sentou atordoado. O que poderia ser tão terrível que não pudessem namorar?

— Eu sinto muito — ela sussurrou. Ele podia ver as lágrimas brotando em seus olhos. Não conseguia lidar quando as mulheres choravam, mas pelo bem de ambos, permaneceu colado ao assento.

— Nada é tão ruim assim, — disse a ela, esperando que estivesse certo.

Ela se sentou mais ereta em sua cadeira e retesou os ombros. — Eu tenho... — nesse exato momento seu celular tocou. — Desculpe, tenho que atender, — disse ela, obviamente angustiada com a interrupção.

— Simpson — ouviu atentamente, então se levantou para sair. — Desculpe, tenho que ir — disse, conduzindo-o para fora da porta. — É sua cunhada, ela está em trabalho de parto, — terminou, saindo correndo.



Kody correu para a sala de espera, onde Rory estava perplexo.

— Onde está Missy? — Kody perguntou. — Não deveria estar com ela? — perguntou, tocando o ombro de Rory quando não obteve resposta. — Onde está Missy?

Kody guiou seu irmão até uma das cadeiras da sala de espera. — Sabe que deveria estar com ela, certo?

Rory se virou para olhá-lo, ainda se sentindo atordoado. — Ainda não era para acontecer — disse, sentindo-se bastante preocupado.

Jordan atravessou a porta, ouvindo a conversa. — Ela está apenas alguns dias adiantada. Não é nada para se preocupar.

— Ela, ela... — Rory estava com a língua presa.

— A bolsa dela estourou, — Molly disse para ele quando entrou na sala de espera. — Não é nada para se preocupar. Ok, Rory, pode entrar agora.

Ele a seguiu até a sala de parto. Missy estava sentada na cama, apoiada em vários travesseiros. — Está pálida — disse, afofando os travesseiros para ela.

Ela o olhou. — Tente estar em trabalho de parto e veja como se sente — estalou para ele. *Oh, garoto. E isso foi apenas o começo.*

Rory observou enquanto Molly se dirigia a um dos armários. — Aqui está um roupão — disse. — Coloque isso e comece a andar.

— Isso ajudará a acelerar o trabalho de parto, — disse, respondendo à pergunta silenciosa de Rory. — Precisa ficar com ela, pai — disse Molly.

Pai? Ele gostou do som disso.

— Nós não gostamos que nossas mulheres grávidas caíam — não obteve resposta, mas ele assentiu. — Entendeu?

— Sim, madame — finalmente respondeu. Enfim, tudo estava acontecendo. Depois de todos esses meses de espera por sua preciosa carga, agora tudo estava realmente acontecendo.

Rory respirou fundo. Missy lhe deu um tapa no braço. — Sou eu quem precisa respirar, não você, — disse, rindo. Olhou em seus olhos e Rory derreteu.

Amava essa linda mulher mais do que pensava ser possível amar alguém. E agora ela estava tendo seu bebê.

Agora mesmo! Puta merda!

Agarrou Missy. — Nós vamos ter um bebê — disse, incrédulo.

Ela riu com aquele tilintar adorável que ele adorava ouvir. — Sim, vamos — disse. — Muito em breve.

Rory a ajudou a sair da cama e a vestir o roupão macio. Suas mãos se fundiram ao redor de sua barriga muito inchada, e ele a beijou suavemente.

— Mamãe e papai estão prontos e esperando-a Chloe — disse enquanto beijava a barriga de Missy.

CAPÍTULO QUATRO



Os três irmãos estavam andando de um lado para o outro na sala de espera, junto com suas parceiras, quando Rory voltou algumas horas depois.

— É uma menina! — anunciou com orgulho. — Chloe Melissa. Ainda não sei quanto ela pesa, mas Chloe está bem e Missy está exausta — sorriu largamente.

Jordan, Kody e Chase lhe deram um tapa nas costas e o abraçaram com força. Grace e Isabella, parceiras de Jordan e Chase, se abraçaram e enxugaram as lágrimas dos olhos.

— Aposto que ela é linda, — Grace declarou, enquanto caminhava em direção a Rory.

Quando o abraçou, Rory lhe respondeu que sem dúvida ela era. — Mais bonita do que possa imaginar — disse com orgulho.

Molly entrou na sala de espera e falou baixinho com Rory. — Missy o está perguntando — disse. — Não fique muito tempo, ela precisa descansar.

E com isso Rory saiu para ir até Missy, como deveria ser. Kody olhou através da sala para ver Molly o olhando.

— Tudo correu bem — falou na sala para os Callahans. — Tanto a mãe quanto a bebê precisam descansar, então talvez todos possam voltar amanhã.

Kody admitiu que estava desapontado. Esperava ver sua nova sobrinha hoje, e agora isso não aconteceria.

Mas entendia. Ter um bebê era um grande esforço, e Missy estaria cansada. Inferno, estaria exausta.

Seus ombros caíram e ele começou a se afastar, certo de que Molly também precisaria descansar. Afinal, era a médica de Missy.

— Kody, — disse baixinho para que ninguém mais ouvisse. — Sei que não terminamos nossa conversa.

Olhou-a com tristeza. — Sempre há amanhã — disse. Resignado com o fato de que não iriam para o jantar do Dia dos Namorados.

Ficou olhando-o, sem dizer uma palavra, e seu coração disparou. *O que ela estava pensando?*

Ele se virou para seus irmãos que estavam prestes a deixar o hospital, todos exultantes com o novo membro da família. Sentia o mesmo, mas não estava

dando toda a atenção já que focava em Molly agora.

Ela colocou as mãos nos quadris e bateu o pé. — Então não posso comer depois de tudo? — disse com naturalidade. Os olhos dela cravaram nele, e, com coração bateu rapidamente, ele caminhou para o lado dela e pegou sua mão.

— Certamente pode — disse alegremente. — Certamente pode — não conseguia tirar o sorriso do rosto.



— Estou de plantão hoje à noite — disse ela enquanto examinava o cardápio. Era um risco que Kody se dispunha a correr. Sentia-se grato por finalmente poder sentar-se e conversar com ela cara a cara.

Havia um restaurante asiático a uma curta distância do hospital, então optaram por ele. Pelo menos dessa forma, Molly poderia voltar rapidamente ao hospital, se necessário.

Não importava quantas vezes ele lesse o cardápio ou, mais precisamente, olhasse para o cardápio, nada parecia se fixar em sua mente. Seus pensamentos estavam em outro lugar.

O que era tão importante que Molly se sentia obrigada a lhe contar?

Observou-a por cima do cardápio. Os olhos dela estavam se movendo por todos os lados. De repente, ela o encarou. — O que foi? — ela exigiu.

— Oh, nada — disse ele casualmente. Kody estendeu a mão sobre a mesa e tocou a livre dela. — Estou tão feliz que ainda pudemos sair essa à noite — disse calmamente. — É como um encontro.

Ela o olhou. — *Como* um encontro? — parecia divertida. — Então, se isso não é um encontro real, o que é?

Para um homem adulto na casa dos trinta, ele com certeza era estúpido às vezes. — Eu quis dizer, — atrapalhou-se, perdendo sua linha de pensamento. — Claro que é um encontro real, mas eu não tinha certeza se você...

Molly rapidamente interrompeu, rindo ao mesmo tempo. — Estou brincando com você. Considero isso como um encontro. Não é? — agora parecia um pouco preocupada.

Estava prestes a responder quando o garçom se aproximou da mesa deles, então ele retirou a mão e assentiu. Molly lhe sorriu e ele suspirou de alívio.

Fizeram seus pedidos e o garçom saiu para pegar as bebidas.

Ele deslizou sua mão até a dela novamente.

— Seu vinho, senhor, e sua água, senhora.

Parecia que estavam destinados a serem interrompidos a noite toda. Kody decidiu não prosseguir de onde pararam antes no escritório de Molly até depois do jantar.

— Fale-me sobre você, — disse Kody, querendo quebrar o silêncio.

Molly se preparou endireitando as costas e os ombros. — Não há muito a dizer, — respondeu. — Trabalhei muito para me tornar uma médica. Fiz

minha faculdade de medicina, trabalhando meio período e estudando sem parar — respirou fundo.

— Foi difícil — disse ela. — Muito difícil. Depois, tive que fazer minha pós-graduação antes de estar totalmente qualificada — acenou com as mãos e de repente ficou em silêncio antes de continuar um minuto mais tarde.

— E aqui estou hoje — disse. — Oh, já sou qualificada há alguns anos, — acrescentou rapidamente.

Kody sorriu. Ela era uma trabalhadora, assim como ele.

Estendeu a mão para tocar a dela, mas a comida chegou e ele voltou a colocá-la em seu colo.

Ela lhe deu um sorriso torto, como se estivesse se solidarizando com ele. — Isso tem um cheiro incrível, — disse, inclinando-se para sentir melhor o maravilhoso aroma.

Ele também se inclinou. — Com certeza cheira bem, vamos lá. Coma enquanto está quente — Kody pegou os hashis e tentou por alguns minutos dominá-los. — Garçon — chamou, sinalizando. — Podemos ter um par de garfos, por favor?

— O que? — disse, notando Molly rindo atrás de suas mãos. — Eles são difíceis de usar — falou quando Molly pegou seus hashis e começou a comer sem problemas. Observou-a rir enquanto comia.

Ela ficava tão bonita quando ria. Inferno, era linda o tempo todo.

Estendeu a mão e roçou um polegar em sua bochecha. — Molly, — disse calmamente, olhando diretamente em seus hipnotizantes olhos azuis.

— Nós deveríamos comer, — ela disse sem rodeios. — Estou de plantão, lembre-se. Posso ter que sair a qualquer momento.

Ele assentiu e relutantemente tirou a mão. — Claro — disse, e virou-se para sua comida, sem realmente sentir o sabor, imaginando o que ela queria dizer-lhe.

— Foi uma refeição incrível — disse ela, terminando o último bocado de bolinhos de banana e sorvete.

O café foi deixado na mesa, e o garçon sumiu. Quase como se soubesse que precisavam conversar em particular.

Kody limpou a boca com o guardanapo de linho. — Só estive aqui uma vez antes, mas a comida estava tão boa quanto esta noite, — disse, esperando que Molly se abrisse para ele logo. Afinal, ela ainda estava de plantão e poderia receber um telefonema a qualquer momento. Eles tiveram sorte até agora.

Observou-a enquanto tomava seu café, e ela o olhou por cima da borda. — Molly...

— Kody

Falaram quase ao mesmo tempo.

— Kody, eu realmente tenho que te dizer isso. É importante — disse. — Caso contrário, nosso relacionamento seria baseado em uma mentira.

Ficou cada vez mais interessante com o passar do tempo. E curioso.

— Mas não tenho certeza se *aqui* é o lugar certo para essa conversa.

Cobriu a mão dela com a sua, sem dizer uma palavra. Não queria interrompê-la, como tinha feito a noite toda, por vários meios.

— Kody, eu... — Seu celular tocou. — Caramba! — Podia ver que estava frustrada e irritada, mas ela estava de plantão. Não havia nada que pudessem fazer sobre isso.

— Desculpe — disse, genuinamente lamentando a interrupção. — Outro bebê decidiu chegar. — Mordeu o lábio, cheia de arrependimento.

— Não se estresse — disse, ajudando-a a sair da cadeira. — Há sempre o amanhã.

Ele podia parecer indiferente, mas por dentro suas entranhas estavam se revirando. O que era tão importante que ela se preocupava tanto em lhe contar? E por que ela não se sentia à vontade para fazer isso ali no restaurante?

Ele certamente não obteria nenhuma resposta esta noite.

Kody ajudou Molly a vestir o casaco, pagou a conta e depois a acompanhou de volta ao hospital. Levando-a para um canto semiescuro do lado de fora da entrada, ele a puxou para perto de si e a beijou suavemente nos lábios.

Ainda podia sentir o gosto da banana frita da sobremesa. Era doce, como ela. Segurou seu rosto com as mãos e olhou em seus olhos. — Molly, sei que não nos conhecemos há tanto tempo, — disse. — Ou tivemos muito contato, mas acho que estou me apaixonando por você, — disse calmamente. Tão baixinho que ela quase não ouviu.

Ela se inclinou para ele e descansou a cabeça em seu ombro. — Kody, — sussurrou. — Também tenho sentimentos por você. — Suspirou pesadamente. — Honestamente gostaria de não estar de plantão esta noite. Há tanta coisa que precisamos conversar. Isso... isso que preciso te dizer.

Ele se afastou e a olhou nos olhos. — Diga-me agora — sua voz falhando com antecipação.

— Eu, eu não posso, — disse, enquanto se afastava e rapidamente entrava no hospital.

Ela a observou, perguntando-se o que, diabos, a deixava tão assustada.



Kody se virou a noite toda, pensando em Molly e no que ela queria dizer-lhe.

Entendia que ela estava de plantão, realmente entendia, mas por que teve que ser chamada de volta ao hospital naquele exato momento?

Mais um ou dois minutos e ela teria revelado o que a incomodava. Não é mesmo?

Deitou-se na cama, olhando para o teto. Depois de Annabelle, ele tinha se afastado das mulheres para sempre. Mas agora sabia que só era preciso que a mulher certa aparecesse para que ele mudasse de ideia.

E, de fato, ela apareceu. Molly era a mulher certa. Tinha certeza disso.

Olhou de relance para o relógio, que se destacava no quarto escuro.

3 da manhã.

Puxou as cobertas da cama e se enrolou nelas, fechando os olhos contra o brilho do relógio.

— Droga, Molly! — gritou para o quarto vazio. — Por que tinha que ser minha médica? — Sem dúvida, as coisas seriam diferentes agora se ela não o tivesse atendido na emergência naquele dia.

Mas, por outro lado, talvez nunca tivessem se conhecido.

Perguntou-se novamente o que ela estava tão desesperada para lhe contar. Talvez já fosse casada? O pensamento o deixou tão rapidamente quanto chegou.

Ela lhe teria contado desde o início. Era honesta até o âmago.

Ligaria para ela agora e descobriria. O brilho da luz o atingiu em cheio, e olhou para o rádio novamente.

Talvez não.

Aconchegou-se e tentou voltar a dormir, mas sua cabeça doía de preocupação. Rolou para fora da cama e sentou-se na beirada por um tempo que pareceu longo, depois vestiu a calça jeans e finalmente foi para a cozinha, onde fez café.

Em grande quantidade.

Convencido de que não conseguiria voltar a dormir, decidiu cuidar da papelada que estava atrasada.



Kody acordou com um sobressalto.

Depois de quase três horas de trabalho, foi sentar-se na espreguiçadeira externa para ver o sol nascer. Sua atividade favorita.

Ele estava um pouco desorientado e olhou em volta, percebendo onde estava. Mas parecia não conseguir parar o zumbido em sua cabeça.

Ao sacudi-la para dissipar a confusão, finalmente se deu conta de que o telefone estava tocando.

Molly.

Ela era a única pessoa que tinha coragem suficiente para ligar para ele àquela hora do dia. Correu para a cozinha e pegou o telefone, mas já era tarde demais. Ela havia desligado.

A pequena luz vermelha acendeu no aparelho, então soube que ela estava deixando uma mensagem. Ele estava impaciente para ouvir, mas teve que esperar até que a chamada fosse totalmente gravada.

Ficou batendo um pé, suspirando enquanto esperava.

— Vamos lá. Apresse-se, — disse ao objeto inanimado, como se pudesse entendê-lo.

Finalmente a luz se apagou e ele pôde escutar o recado.

— É Molly, — sua voz doce disse. — Eu, hum. — Houve uma pequena pausa antes que continuasse. — Esperava pegá-lo em casa, mas obviamente não consegui. Sinto muito por ontem à noite.

Sim, Kody também. Sua mente voltou para o beijo. Se ela não precisasse sair correndo e trazer à luz um bebê, poderia ter sido muito mais.

Estava tão ocupado com seus próprios pensamentos que perdeu o final da mensagem e teve que repeti-la.

— Realmente sinto muito sobre ontem à noite. Sairei às quatro hoje e, se estiver livre, há algo que quero lhe mostrar.

Ela estava brincando? Ele se colocaria à disposição, mesmo que isso significasse mover céus e terra.

Com vigor renovado, organizou-se para o trabalho. Primeiro, alimentar Cracker. Tomaria outro café enquanto o cavalo comia, e então os dois checariam as cercas.

Ficou de pé enquanto se perguntava exatamente o que ela lhe mostraria. Também questionou se ela tinha alguma intenção de finalmente lhe dizer o que considerava tão importante.

Se ele viesse a saber pelo menos uma dessas coisas, seria um homem muito feliz.

Pelo menos hoje não deveria haver interrupções.

E, claro, passar tempo com Molly era sempre um bônus.

Segurou firmemente as rédeas e instigou o cavalo a avançar. Não muito longe agora.

Precisava chegar de volta à propriedade às 14h45.

Tempo suficiente para um banho e para ficar apresentável antes de dirigir para o hospital, que ficava a cerca de quarenta minutos de distância.

Depois de remover a sela, Kody ofereceu a Cracker um pouco de água, que ele aceitou de bom grado. Apesar de estar ansioso com o encontro desta tarde, cuidou de seu amigo da maneira que merecia ser tratado.

Os quinze minutos seguintes foram gastos andando pelo paddock da frente, permitindo que Cracker se refrescasse depois de sua longa e vigorosa cavalgada.

Finalmente, ele foi escovado e voltou para sua baia.

Agora era hora de se mimar. No momento, ele cheirava como o diabo. De jeito nenhum se aproximaria de Molly cheirando tão mal!

A ducha foi uma delícia. A água quente e fumegante rolou sobre seu corpo, tirando todas as dores do dia de trabalho.

Consertar as cercas era um trabalho contínuo, mas se quisesse manter o gado dentro de sua propriedade, isso tinha de ser feito.

Passar xampu no cabelo provocava pensamentos indesejados. Fantasias de Molly passando as mãos em seus grossos cabelos castanhos enquanto o beijava de leve. Provocando-o sem parar, até que finalmente...

Sacudiu-se, tentando apagar os pensamentos. Tudo o que eles conseguiam era despertar impulsos que ele não queria contemplar. Desejava conhecer

Molly muito mais antes mesmo de pensar em mergulhar de cabeça.

Enquanto se lavava, a combinação de água quente e sabão escorregadio era excitante. Especialmente quando começou a lavar suas partes íntimas.

Seus pensamentos estavam indo para lugares que não queria que fossem, então desligou completamente a água quente, deixando-o com uma ducha gelada.

— Brrrrrrrrrrrrrrrrrr!

Finalmente desligou a água e pisou no tapete do banheiro para se secar. A toalha branca e fofa o fez pensar em ser enrolado nos braços de Molly.

Pare com isso!

Meu Deus. Ele estava muito mal. Quanto mais cedo chegasse à cidade e se encontrasse com ela, melhor.

Sua mente dizia que se afastasse - já estava muito envolvido -, porém seu coração dizia que encontrá-la seria a melhor coisa que lhe aconteceria.

CAPÍTULO CINCO



Andou de um lado para o outro na entrada do hospital, esperando Molly aparecer.

Apesar de tudo, tinha chegado quinze minutos mais cedo. Não era um homem particularmente paciente em nenhum momento, mas os acontecimentos dos últimos dias o deixaram extremamente nervoso.

Exatamente às 16h01, ela saiu. Seu coração se agitou um pouco ao vê-la. — Senti sua falta — deu um passo à frente e envolvendo-a em seus braços. Ela se enrijeceu, e ele se perguntou por quê.

Quando beijou sua testa, ela relaxou nele e apoiou a cabeça em seu ombro. Puxou-a para mais perto dele.

— Também senti sua falta, — disse baixinho. — E eu não posso me desculpar mais sobre a noite passada, mas quando se é o médico de plantão...

Interrompeu-a no meio da frase. — Eu entendo, realmente entendo — disse. — Embora esteja ficando um pouco obsoleto. Seremos perturbados o tempo todo.

Ela o abraçou, então se afastou para olhar em seu rosto.

— Sinto muito — parecia sincera. — Sem interrupções hoje, prometo — disse, impassível. — Meu turno terminou e não estou de plantão — ele a encarou, sem saber se acreditava ou não. — Eu prometo, — ela disse com mais força.

— Certo, — disse ela. — Não vamos adiar isso por mais tempo.

Ele a olhou com curiosidade, então seguiu seu exemplo.

— Vamos para o meu apartamento — disse. — Há algo que preciso lhe mostrar.

Ele assentiu, mas não disse nada. Não se atreveu, caso desse azar. Seu coração batia descontroladamente, muito intrigado com o momento.

— Podemos caminhar, são apenas dois quarteirões de distância — ela segurou sua mão, e seu coração pulou uma batida.

— Eu realmente sinto muito, — disse suavemente.

— Não tem nada para se desculpar — disse, certo de que era verdade.

Ela apertou a mão dele enquanto continuavam a andar. — Pode decidir isso mais tarde — disse ela.

Cada passo que dava era mais um avanço para descobrir o que ela escondia esse tempo todo. Por mais que quisesse, por mais que precisasse saber, um sentimento de pavor o dominava.

— É aqui — disse ela, parada em frente a um bloco de apartamentos.

Enquanto caminhavam pelo corredor, cada passo que Kody dava ecoava em sua cabeça. Cada passada parecia uma sentença de morte, sem saber o que estava prestes a acontecer.

Mas isso também o deixava mais perto da verdade.

Ela pegou suas chaves e abriu a porta. Enquanto estavam na entrada, ele olhou ao redor. Pensou em como aquilo parecia confinado em comparação com os grandes espaços abertos de seu rancho. Não poderia viver aqui de jeito nenhum.

Enquanto continuava a examinar o cômodo, algo parecia estar errado. Não conseguia identificar o que era, mas havia algo. Isso o estava corroendo.

Então ele percebeu. Havia brinquedos no apartamento.

Por um momento ou dois, ficou atônito. Ela era mãe? Tinha um filho? Esse era o grande segredo? Soltou um enorme suspiro de alívio enquanto olhava para os brinquedos.

Por um tempo, pensou que era algo terrível que significava que não poderiam ficar juntos.

— Sente-se, — ela disse, indicando-lhe para se sentar em uma cadeira reclinável, sem perceber que ele tinha percebido. — Estarei de volta em um momento.

Uma jovem saiu da cozinha enquanto Molly entrava em outra sala. — Oi, eu sou Karen.

Kody se levantou. — Prazer em conhecê-la — estendeu a mão. — Eu sou Kody.

— Sim, eu sei, — disse, então se sentou em outra cadeira.

Seu interesse estava realmente no auge agora. Quem era essa Karen e por que ela estava aqui?

Sentiu a presença de Molly antes de vê-la ou ouvi-la.

— Kody, — disse. — Tem alguém que eu gostaria que conhecesse. — Estava na porta de um dos quartos e parecia estar tentando convencer alguém a sair. — Quero que conheça, Madison, — disse quando a pequena finalmente apareceu. A garotinha o olhou timidamente e parecia que poderia até começar a chorar.

Ela ficou perto de Molly segurando firmemente sua mão enquanto caminhava lentamente em direção a ele.

— Olá, Madison, — disse ele em meio à névoa de seu cérebro. Fez o possível para sorrir, mas não queria assustar a criança.

Molly se sentou ao lado dele. — Madison é uma grande criança de três anos. — Sorriu para a criança que sorriu pela primeira vez.

Ela tinha um sorriso doce, e Kody ficou encantado por ela.

— Olá, — disse ela timidamente, depois se adiantou e o abraçou com

força. Kody sentiu um enorme nó no fundo da garganta, dificultando a deglutição. Ele levantou lentamente os braços e os envolveu gentilmente em torno da criança.

Olhou para Molly por cima do ombro de Madison e sorriu. Ele se sentia como um grande bobão agora.

Madison largou as mãos de repente. — Posso ir brincar com Karen agora? — perguntou.

Molly olhou longa e intensamente em seus olhos, depois se voltou para a criança. — Claro, querida. Pode ir.

Ele se recostou na cadeira, muito aliviado. — Madison é o grande segredo — disse, quase inaudível. — Ela é muito linda.

Kody estendeu a mão e pegou a dela. — Devia ser jovem quando a teve — disse, inclinando-se para mais perto de Molly.

— O que? Não! — disse a ele. — Madison não é minha filha, seu grande idiota. Ela é minha sobrinha.

Agora Kody estava confuso. Se não era filha de Molly, por que estava morando com ela?

— Vejo que está confuso, mas não podemos discutir isso aqui — Assentiu sabendo que ela estava certa. — Qualquer lugar público não é adequado, a menos que seja silencioso. E não quero voltar ao hospital por medo de ser arrastado para alguma coisa.

— Nós podemos ir para a minha casa — ofereceu. — O rancho é tranquilo, com poucas chances de sermos incomodados.

Molly pareceu aliviada. — Essa é uma ótima ideia. Deixe-me trocar de roupa primeiro e depois podemos ir.

Ao sair da sala, Kody recostou-se na cadeira. Sua cabeça estava cheia de cenários agora. Algo parecia terrivelmente errado, mas não tinha certeza do quê.



Foram para o rancho na caminhonete de Kody. Dessa forma, ele lhe disse, poderiam jantar mais tarde. É claro que a jovem Madison também seria bem-vinda.

Molly franziu a testa com a sugestão, e ele não tinha certeza do porquê, mas ela veio em sua caminhonete assim mesmo.

Ela não disse uma palavra durante a viagem para casa, e por isso não interrompeu seus pensamentos.

Preparou um bule de café fresco quando chegaram. Imaginou que, como ela estava tão misteriosa sobre toda a situação, provavelmente precisariam disso.

E ela talvez precisasse para ter coragem.

Sentaram-se na varanda, ao ar livre. O fato de lá ser um pouco menos formal também deveria ajudar. Entregou-lhe o café e sentou-se com sua

caneca.

— Molly,

— Kody...

Falaram ao mesmo tempo. — Você primeiro — disse ela.

Ele tomou um longo gole da bebida quente. — Não tem que me dizer nada, se não quiser, — disse a ela em uma voz suave.

Ela o olhou momentaneamente, então disse — Sim. Eu, quero — afastou o cabelo do rosto e olhou para o colo. — Madison é filha da minha irmã.

Ele não disse uma palavra, com medo de que a interrupção a perturbasse.

— Minha irmã morta, — adicionou e olhou para ele. — Era uma viciada em drogas — fez uma pausa, e ele se perguntou se estava esperando para ver sua reação.

Ele assentiu. — Eu sinto muito, — disse calmamente.

Ela acenou com a mão na frente de si mesma. — Águas passadas. Madison é tudo que me importa agora. Cuidar dela e protegê-la — suspirou e recostou-se na cadeira, tomando um grande gole de café como se isso pudesse sustentar o que tinha a dizer em seguida.

— O pai dela ainda está vivo, e tentando recuperá-la — disse calmamente. Tão silenciosamente que Kody teve que se aproximar para ouvir o que estava dizendo.

Olhou para ele, determinação em seus olhos. — É um viciado em drogas também — disse, mal respirando enquanto falava. — Tenho a custódia total, mas ele não aceita e está tentando recuperá-la. — Uma lágrima rolou pelo rosto dela, e Kody a enxugou com os dedos.

Largou o café e pegou a xícara dela também, então a puxou em seus braços. — Oh Molly, coitadinha, — disse. — Mantendo tudo isso em segredo e tendo que lidar com tanta coisa sozinha — acariciou seu cabelo enquanto a segurava apertado. — Por que não me contou no começo?

Ela saiu de seus braços e o olhou pelo que pareceram horas. — Porque estava com medo de que não me quisesse.

Puxou-a de volta em seus braços e a abraçou forte. — Molly, — disse. — Isso nunca teria acontecido — sentiu-a soluçar em seu ombro. — Eu te amo, e nada tão pequeno quanto uma criança de três anos impediria isso.

Ela se afastou e olhou para ele. — Sério?

— Sim, sério. — Encararam-se por um instante, então Kody pensou em seu irmão. — Vamos colocar Chase nisso, — disse. — Não pode manter Madison trancada para sempre.

Ela balançou a cabeça. — Eu, eu não posso arriscar que ela esteja lá fora — disse. — Ele pode encontrá-la. E eu não suportaria perdê-la — balançou a cabeça como se estivesse afugentando aqueles demônios. — Sem falar no que aconteceria se ela morasse com o pai. Escória que ele é. Se não fosse por ele, minha irmã ainda estaria viva.

Kody não interrompeu, deixando-a desabafar. — Ela não usava drogas até ele aparecer.

Ele se levantou e Molly fez o mesmo. Kody a abraçou com força até que ela parasse de tremer. — Vou ligar para Chase e pegar um café fresco — disse. — Acho que está precisando.

Ela o seguiu para dentro e esperou que ligasse para Chase. — Ele chegará em breve, — disse a ela.

Enquanto esperavam, conduziu-a a um tour pela casa. Não era enorme, mas também não era pequena. Kody a construiu pensando no futuro. Esperava um dia ter uma família, mas não aconteceu.

— Adoro o ar fresco daqui — disse Molly enquanto estavam do lado de fora esperando Chase chegar. — Tem uma vista tão bonita aqui. As montanhas, os piquetes, tudo.

Ele segurou a mão dela e a levou até os estábulos. — Conheça Cracker — disse, entregando-lhe um pedaço de cenoura. — Ele não morde e adora cenouras — sorriu para ela e, pela primeira vez em poucas horas, sentiu-se relaxado e feliz.

— É este o cavalo que o derrubou? — perguntou, desconfiada.

— Sim — respondeu. — Não! Cracker não me derrubaria de suas costas. Não tenho ideia do que aconteceu, mas não foi culpa dele.

— Oláaaaa. — A voz de Chase ecoou pelos estábulos. — Imaginei que estivesse aqui — disse ele, e de repente ficou com um ar de oficial.

Molly se enrijeceu ao seu lado e Kody colocou a mão em suas costas. — Ficará tudo bem, — sussurrou em seu ouvido, depois a levou de volta para a casa com uma sensação de pavor maior do que a que teve mais cedo naquele dia.

O delegado Chris Dolan estava esperando na porta da frente de Kody.

Ele muitas vezes acompanhava Chase em negócios oficiais e era o braço direito do xerife. — Kody — disse. — Madame. — Ergueu o chapéu ao reconhecer Molly. O delegado estava com a caneta pousada sobre o caderno.

Kody indicou que todos se sentassem. — Tenho um bule de café fresco pronto. Alguém quer?

Três mãos se ergueram e Kody se ocupou com as bebidas enquanto o xerife e seu ajudante falavam com Molly.

Parou na janela da cozinha e contemplou sua vida com Molly e Madison ali. Construiu esta casa com uma família em mente, mas nunca contemplou esta situação.

Respirou fundo. Estava supondo demais. Molly poderia nunca querer morar ali com ele.

A menos que pudessem fazer algo sobre o pai drogado, sua ideia dos três como uma família nunca se concretizaria de qualquer maneira.

Sacudiu-se, tentando afastar os pensamentos negativos, depois serviu os cafés e os levou para varanda.

— Acredito que temos informações suficientes para resolver isso — ouviu Chase dizer enquanto saía. — Mas pode levar algum tempo — disse. — Sugiro que mantenha a pequena escondida por enquanto. Entrarei em contato

assim que souber de alguma coisa.

Pegou seu café e sentou-se para apreciá-lo. — Obrigado, irmão — disse. — Pelo menos tem um café decente. O café da delegacia é horrível.

— Com certeza é — acrescentou Chris. — Impossível de beber até.

Chase riu. — É por isso que eu frequento a cozinha da tia Lizzie. *Aquela* mulher sabe como fazer café!



Chase e o delegado Chris foram embora, deixando-os sozinhos.

Ficaram em silêncio por alguns minutos, até Kody quebrar o silêncio constrangedor. — Temos tempo para uma caminhada? — perguntou. — Ou precisamos que nos apressar?

Molly consultou o relógio. — Ainda vamos jantar? Vou ter que alimentar Madison primeiro. Ou poderia pedir a Karen para fazer isso.

Kody a olhou. — Quem é essa Karen, afinal? — perguntou, sua curiosidade levando a melhor sobre ele.

Ela riu, e o som feliz o aqueceu. — É a babá de Maddison. Uma babá residente, já que trabalho em todos os tipos de horas estranhas. Ela observou enquanto esperava por sua reação.

Ele encolheu os ombros. — Acho que ser uma mãe solteira traz seus desafios — disse. — Não posso imaginar o quão difícil tem sido para você.

Levantou-se para pegar todas as canecas de café, e Molly também se levantou. Deu um passo em direção a ele, parecendo tão desamparada que Kody se moveu em direção a ela e passou os braços ao seu redor.

— Eu amo seus grandes abraços de urso — disse ela calmamente. — São tão... reconfortantes — descansou a cabeça em seu ombro e deixou que ele suportasse seu peso.

Quando trouxe a mão pelas costas dela, a sentiu mudar seu peso para trazê-la ainda mais perto. Deleitava-se com a proximidade dela - poderia ficar assim o dia todo. Sentiu-se tão fascinado por esta mulher, e queria mais dela. Dela e Madison.

Certamente esperava que Chase pudesse resolver essa bagunça. Quanto mais cedo conseguisse fazer isso, melhor conheceria Molly, assim como sua sobrinha.

Ficaram assim por alguns minutos até que Molly quebrou o feitiço sob o qual ele estava. — Podemos ir para aquela caminhada? Acho que preciso de um pouco de ar fresco para clarear a cabeça.

Ela se afastou e olhou para os olhos dele, depois se aproximou lentamente de seu rosto. Kody olhou para baixo, para seus olhos azuis hipnotizantes. Sentiu-se atraído por eles, por ela, e se aproximou de seus lábios.

— Vou beijá-la — sussurrou. — Tudo bem? — Esperou no meio do caminho por sua resposta.

Suas sobranceiras se ergueram. — Não peça para me beijar, apenas faça

isso, bobo!

Enquanto se movia em direção a ela, podia sentir a leve fragrância de lavanda. Não era avassalador e definitivamente era a essência de Molly. Toda vez que se encontravam, sua fragrância de lavanda era uma das primeiras coisas que notava.

Levemente roçou seus lábios contra os dela, então se inclinou para seu pescoço. Escovou beijos leves por todo o caminho, então subiu novamente.

— Kody, — sussurrou sem fôlego. — Apenas me beije, pelo amor de Deus. — Moveu a cabeça para que ele não tivesse escolha.

Inclinou-se para ela e reivindicou seus lábios, cobrindo sua boca com a dele. Tinha sido privado de um beijo de verdade até agora, e isso provou fazer com que ele só a quisesse mais.

Molly se derreteu em seus braços e retribuiu o beijo, empurrando a língua em sua boca. Ele saboreou e respondeu com a língua.

— Molly, — sussurrou com a voz rouca. — Precisamos parar, senão podemos ir mais longe. — Afastou-se e olhou em seus olhos. Viu a necessidade ali, mas sabia que não era o momento. Não tiraria vantagem dela durante este momento difícil.

— Hoje não é um bom dia, depois de tudo que passou — disse, saindo de seus braços. — Vamos nessa caminhada. Acho que o ar fresco pode fazer bem a nós dois — piscou, então guiou Molly para seu jardim. Era uma mistura de flores e vegetais, e era impressionante, se ele mesmo pudesse dizer isso.

— Fez tudo isso? — Os olhos de Molly estavam arregalados.

— Sim, ao longo dos anos. Aos poucos. Fornece a maioria dos meus vegetais. Muito melhor do que comprar fora, — disse a ela.

— Ali está o galinheiro. Tenho de seis ou oito ovos por dia desse lote, a maioria dos quais não uso. Quando tenho o suficiente, entrego aos meus irmãos. Não adianta desperdiçá-los. — Encolheu os ombros.

— Eu adoraria ter ovos frescos para cozinhar — disse ela animadamente.

Ele sorriu. — Pode ficar à vontade.

Molly balançou a cabeça freneticamente. — Não, não — disse. — Eu não estava insinuando...

Mas ele parou seus protestos com um beijo, colocando a mão na parte de trás de sua cabeça. — Molly, — disse suavemente. — Pegue alguns ovos. Tenho muitos.

— Mas, — puxou-a para perto novamente, e se perdeu nela. Quando finalmente se afastou e abriu os olhos, os dela estavam brilhantes de paixão, e a tensão havia deixado seu rosto.

— Oh, diabos — ela exclamou. — Nós temos que ir. Olha a hora!

Já passava bem das cinco, e tinham aquela longa viagem de volta para Bolton, onde Molly morava.

Kody correu em direção ao galinheiro e entrou com a cesta na mão. Ela assistiu maravilhada enquanto ele enchia a cesta com ovos antes de voltar.

— Omeletes no café da manhã? — perguntou, rindo e entregando-os.

— Eu, eu não posso — disse ela.

Kody se inclinou para frente e deu um beijo na testa dela. — Pode, e vai — disse. — Eu honestamente não tenho onde usá-los.

Molly se esticou e olhou ao redor. — Madison adoraria estar aqui. Tanto espaço para ela correr ao redor. Sem mencionar os cavalos e outros animais selvagens. — Tinha uma expressão sonhadora em seu rosto, o que aqueceu Kody até os dedos dos pés.

— Você *adorou* este lugar? — perguntou, esperando uma resposta positiva.

Ela puxou o suéter em torno de si e o encarou. — Eu acho — fez uma pausa, e ele prendeu a respiração. — Acho que a resposta é um sim — disse ela, obviamente provocando-o. — É tão maravilhosamente bonito e incrivelmente pacífico. Eu viveria aqui - em um piscar de olhos, — disse, observando-o atentamente.

Ele sorriu. Sabia disso, mas não conseguia se conter. Poderia se atrever a imaginar que um dia Molly e Madison poderiam viver aqui no rancho com ele? Seu coração disparou. Isso iria além de todas as expectativas.

E pensar que nada disso teria acontecido se não tivesse batido a cabeça.

CAPÍTULO SEIS



Voltaram para a cidade em relativo silêncio.

Ao se aproximarem, Kody teve um pensamento repentino. — E se — disse, olhando para ela, — em vez de nós dois saímos para jantar em algum lugar, levarmos o jantar para a sua casa?

Com o canto do olho, a viu se mexer na cadeira e bater palmas. — Que ideia maravilhosa! — tinha um grande sorriso no rosto quando ele roubou outro olhar. — Madison adoraria *isso* — disse. — Por razões óbvias, raramente sai do apartamento.

Entristeceu-o que uma criança pequena não pudesse experimentar o mundo por causa das ações de uma pessoa imprudente.

Sua voz estava calma quando falou. — Espero que possamos mudar isso em breve — estendeu a mão e a colocou sobre a dela. — Você e Madison gostam de frango frito?

— É apenas o favorito dela, — Molly gritou. Sua empolgação era palpável, mas conseguiu se segurar para não parar no acostamento e puxá-la para um grande abraço de urso.

Chegaram ao estacionamento e Kody estacionou a caminhonete. Molly ficou sentada onde estava. — Não vai entrar? — perguntou curioso.

— Desculpe, eu estava perdida em meus pensamentos — disse. — Como quanto tempo levará para Chase rastrear o pai de Madison e garantir que esteja segura — esfregou os olhos, e ele percebeu o quanto isso a afetou emocionalmente.

Kody deu a volta para o lado dela da caminhonete e abriu a porta, puxando-a para o abraço de urso que queria dar a ela nos últimos vinte minutos. Isso era principalmente para confortar Molly quando ela mais precisava, mas também o ajudava.

— Tudo bem — falou depois de alguns minutos. — Um balde cheio de frango frito com todas as guarnições. — sorriu largamente. Era bom ter alguém para mimar. Que acabou por ser dois alguéms foi ainda melhor.

Em um tempo relativamente curto, deixou de ser um recluso quase total, para ansiar pela companhia de Molly quando não estava com ela.

Nem em um milhão de anos sonhou que seria o caso.

De pé no balcão, pediu o maior balde de frango frito que eles tinham, purê e molho, pães, batatas fritas e garrafas de refrigerante. Molly protestou em voz alta sobre quanto custaria, mas Kody não queria nada disso.

— Um homem não pode mimar suas garotas ocasionalmente? — perguntou. A cabeça de Molly subiu e ela olhou em seus olhos.

— Eu sou sua garota? — perguntou baixinho, e ele a puxou para perto dele.

Inclinou-se e beijou-a suavemente nos lábios. — Você é? — perguntou. — Porque eu certamente espero que seja — olhou em seus olhos, então beijou sua testa.

— Ei, espere — disse Molly de repente. — Você disse garotas. Com um ‘s’. — Olhou-o desconfiada.

Kody riu. Então a beijou novamente. — Eu incluí Madison, — disse suavemente. — Espero que um dia todos nós sejamos uma grande família feliz.

Lágrimas brotaram dos olhos de Molly, e ela virou a cabeça no peito de Kody. Sabia que ela não iria querer fazer uma cena, então se afastaram do balcão enquanto esperavam pela comida.

— Molly, — disse calmamente. — Madison é sua sobrinha. Vocês duas são um pacote. Entendo, e não faria isso de outra maneira. — Observou enquanto as lágrimas escorriam por suas bochechas.

Colocou os braços em volta das costas dele e colocou a cabeça em seu ombro. — Kody, — disse, quase inaudível, — você é um homem muito especial.



Kody sugeriu que fizessem um piquenique dentro de casa, então Molly estendeu uma toalha de mesa no chão do apartamento.

Karen pegou alguns pratos e talheres, junto com guardanapos, e todos se acomodaram.

— Mal posso esperar pelo dia em que poderemos fazer um piquenique de verdade, — sussurrou no ouvido de Molly. — Madison ficará emocionada.

Ela sorriu para ele, e seu coração disparou.

Não era preciso muito para que se sentisse feliz atualmente - um simples sorriso de Molly e o deixava radiante.

Madison sentou-se entre Molly e Kody, aconchegando-se o mais perto possível de Molly. — Onde mora, Sr. Kody? — perguntou inocentemente.

Ele sorriu para Molly. — Em um rancho — disse. — Com muitas montanhas, piquetes e cavalos.

A criança gritou. — Eu amo cavalos — ela gritou, pulando para ficar ao lado dele, então de repente o olhou com desconfiança. — Cavalos de verdade ou cavalos de brinquedo, — perguntou, já não tão certa.

— Cavalos de verdade, — disse, e ela sorriu.

— Posso acariciá-los? — perguntou.

Kody pediu a permissão de Molly, e ela assentiu. — Um dia poderá vir ao meu rancho e acariciar meu cavalo. Poderá até alimentá-lo com um pouco de cenoura, se quiser.

Ficou surpreso quando Madison começou a correr pela sala. — Posso Molly, posso? — cantou enquanto continuava a correr.

Kody se inclinou e sussurrou no ouvido de Molly e ela assentiu. Madison parou de repente e o observou atentamente.

— É rude sussurrar, — disse de repente, olhando-o.

Kody riu. — Sim, é — disse à criança. — Eu queria perguntar para a Molly se estava tudo bem em dizer que você poderia montar meu cavalo Cracker quando me visitar.

Ela ficou lá olhando para Kody, depois para Molly, depois de volta para Kody.

— O que ela disse? — a criança perguntou baixinho.

Ele sorriu. — Disse sim — seu coração batia descontroladamente imaginando como Madison reagiria.

— Verdadeeeeeeeeeeeeeeeeeeeee? — Madison pulou para cima e para baixo no lugar e correu para Kody e o abraçou. Então abraçou Molly.

Por fim, correu para Karen. — Ouviu isso? — perguntou animadamente a Karen. — Vou montar Cracker!

— Isso é maravilhoso — Karen disse a ela. — Talvez devesse sentar e comer seu jantar agora.

Madison assentiu e voltou para seu lugar, aproximando-se um pouco mais de Kody desta vez.

Divertiu-se com as travessuras da garotinha e esperava que se tornassem uma grande família feliz.



— Está se recuperando muito bem e pode ir para casa pela manhã, Sr. Carson — disse Molly a seu paciente idoso. — Gostaria que eu ligasse para sua filha para fazer os arranjos?

O senhor a olhou com apreço. — Isso é tão gentil da sua parte, Dr^a. Simpson. Muito obrigado.

Molly rabiscou um bilhete para se lembrar de ligar, então passou para o próximo paciente.

Puxou o curativo e inspecionou cuidadosamente a área costurada. — Sinto muito, Sr. Watson — disse. — A ferida está infectada. Vou começar com antibióticos intravenosos — franziu a testa para ele apropriadamente. — Enfermeira — acenou para a enfermeira e lhe entregou o prontuário do paciente. — Inscrevi o Sr. Watson para antibióticos intravenosos. Você precisará limpar e reparar a ferida também. Obrigada — disse.

Molly continuou em suas rondas por mais meia hora, depois completamente exausta, voltou para seu escritório para fazer todas as suas

anotações e terminar alguns papéis.

Tinha acabado de engolir o último gole de seu café quando seu celular tocou. — Molly Simpson.

— Molly — disse o interlocutor. — É Chase. Xerife Chase Callahan — acrescentou, como se ela pudesse ter esquecido quem ele era.

Seu coração batia descontroladamente, e sentiu gotas de suor em seu lábio superior. — Sim? — disse sem fôlego. Era essa a notícia que estava esperando.

Sentiu-se tonta. Sendo médica, Molly sabia que estava sofrendo de ansiedade e respirou longamente para se acalmar. Pareceu ajudar.

— Posso estar aí em cinco minutos, se for conveniente para você — disse. — Não quero interromper... — não conseguiu terminar a frase.

— Tudo bem, — falou rapidamente. — Estou no hospital — disse, caso ele não soubesse.

A chamada terminou, e ela voltou para sua papelada. Tentou, realmente tentou, mas seus pensamentos estavam em outro lugar.

Em vez de se estressar enquanto aguardava, Molly preparou uma caneca fresca de café. Extra forte. Inclinou-se para trás e tomou um gole da bebida.

Apesar de estar esperando, se assustou quando bateram na porta. — Molly, — ele chamou gentilmente.

— Entre, xerife — respondeu. Levantou-se e apertou sua mão. — Por favor, sente-se — até aquele momento, não havia notado que o delegado Chris Dolan estava lá com ele. — Delegado — disse, reconhecendo o outro homem.

— Devo presumir que as notícias não são boas? — sentou-se olhando para suas mãos, que estavam juntas sobre a mesa.

— Acho que isso depende de como vê as coisas — respondeu o delegado.

Chase falou em seguida. — Tivemos que envolver a polícia estadual, já que não é nosso estado, nem nossa jurisdição.

O coração de Molly afundou. Iriam lhe dizer que não havia nada que pudessem fazer? Em vez de colocar seus medos em palavras, ela assentiu.

— O pai de Madison, — Chase começou. — Tinha razão, ele é um viciado em drogas.

Molly soltou a respiração que não sabia que estava prendendo. Então o acharam. Sentiu as lágrimas formigarem na parte de trás de seus olhos, mas não as deixou fluir.

Não podia perder Madison para aquele monstro, não importava o que acontecesse. Tinha a custódia legal, então isso não deveria ocorrer, mas o bastardo estava tentando recuperá-la desde o julgamento.

— Molly, — Chase disse calmamente. — Ouviu o que eu disse?

Ela levou os dedos aos olhos e enxugou as lágrimas errantes. Maldito estado emocional!

— Não, me desculpe, estava perdida em meus pensamentos — franziu a testa para ele. — Realmente sinto muito. Este tem sido um momento difícil.

Chase assentiu. — Eu entendo, realmente entendo. E tenho novidades para

lhe dar. — recostou-se na cadeira. — Foi confirmado por várias fontes, — disse a ela. — O pai de Madison...

Molly levou as mãos aos olhos. Será que ela realmente queria ouvir isso?

Ela sentiu uma mão em suas costas e percebeu que Chase tinha ido para trás da escrivaninha e se agachado ao seu nível.

— Molly, — disse suavemente ao lado de sua orelha. — É uma boa notícia — a mão dele ficou nas costas dela, e ela se sentiu um pouco confortada. — Ele está morto. Morreu de overdose de drogas há seis meses.

Molly soluçou em suas mãos.

EPÍLOGO



Madison estava em um caixote dando cenouras para Cracker.

Kody ficou ao lado dela com a mão em suas costas, garantindo que não caísse.

Sua pequena mão se abriu para acariciar o rosto de Cracker, mas vacilou quando se aproximou. — Está tudo bem, Madison, — disse-lhe gentilmente. — Ele não vai morder, prometo — Ela o olhou com olhos inocentes, e ele se maravilhou com a sorte que teve por ter encontrado sua família instantânea.

— Posso montá-lo hoje? — Madison perguntou, ansiosa para ter seu primeiro passeio a cavalo.

Kody olhou para Molly, e seus olhos se conectaram. — Primeiro temos que ir à cidade e comprar seu equipamento de montaria, — Kody lhe disse. — Não quero que se machuque se cair.

Madison fez uma careta. — Não vou cair — disse, ainda carrancuda para ele.

— Maddie, querida — disse Molly. — Não pode andar até que tenha o equipamento certo. Entendido?

Ela bateu o pé no caixote e começou a chorar na birra de uma criança de três anos. Kody a agarrou antes que caísse no chão.

Ela o olhou com lágrimas rolando pelo rosto e colocou os bracinhos em volta do pescoço dele. — Quero montar o cavalo, — disse a ele, fazendo beicinho.

Seus olhos estavam rindo, mas ele manteve uma expressão séria ao responder. — Claro que sim, Madison. E vai. Só não agora. — Gentilmente cutucou suas costas e ela relaxou nele.

— Hora do almoço, e depois vamos comprar suas roupas de montaria — Molly disse a ela, acariciando o cabelo comprido da menina.

— Ela está quase dormindo, — Kody sussurrou para Molly.

Madison rapidamente se sentou. — Não, não estou!

Kody se divertiu com sua nova vida, com sua nova pequena família.



Molly se ocupou organizando para a festa familiar que Kody decidiu dar.

Não mais o recluso da família, convidou todos os seus irmãos e suas parceiras.

Compraram um vestido de festa brilhante para Madison, e Kody estava em sua melhor roupa. Molly havia escolhido um vestido de ombros descobertos, estilo trapézio, no mais suave dos tons de rosa.

Ele disse à família para usar ‘roupa casual’ quando os convites foram enviados, o que tinha certeza de que faria todos coçarem a cabeça.

Madison estava muito animada com a ideia de uma festa e não conseguia ficar quieta. Ela também utilizou o espelho de corpo inteiro em várias ocasiões, para conferir seu lindo vestido de festa.

Três caminhonetes pararam na área de estacionamento recentemente cercada quase ao mesmo tempo. — Eles estão aqui, eles estão aqui — Madison gritou enquanto corria ao redor da casa do rancho. Agarrou a mão de Kody. — Vou ver a bebê Chloe hoje? — perguntou, seus olhinhos brilhando com admiração.

Ele se agachou até o nível dela. — Sim, vai — disse. — Com certeza.

Ela estendeu a mão e deu-lhe um abraço, com o maior sorriso no rosto.

Rory e Missy chegaram primeiro, a bebê Chloe dormindo profundamente. Ambos estavam muito orgulhosos de sua pequena prole. Então vieram Jordan e Grace, e os últimos a chegar foram Chase e Isabella.

O delegado Chris Dolan também havia sido convidado, já que era um amigo próximo da família. Infelizmente, foi chamado para um caso e não chegaria até mais tarde.

Uma vez que todos estavam sentados na área externa, Kody olhou para a tia Lizzie que estava fazendo o bufê para a festa.

Ela tinha um grande sorriso no rosto e acenou para ele. Ergueu um copo e bateu nele com uma colher, tentando chamar a atenção de todos.

Todos pararam de falar e olharam para tia Lizzie. — Kody tem um anúncio, — disse, ainda sorrindo largamente.

— Ah, Molly e eu temos algo para lhes dizer — disse, olhando para ela. — Nós, ah...

— Eu sei, eu sei — Madison gritou. — Nós casamos hoje!

Kody puxou Molly, os dois rindo do anúncio improvisado de Madison. Deu-lhe um grande abraço de urso e a beijou profundamente, até que Madison se forçou entre eles. — Eeeeew! — disse ela, depois levantou seus bracinhos para Kody pegá-la para que pudesse participar do abraço.

O fim

OS IRMÃOS CALLAHAN



LIVRO 1

Quando Rory vai à cidade para um passeio raro, a última pessoa que ele espera encontrar é sua alma gêmea.

Um relacionamento é a última coisa que passa pela cabeça de Rory Callahan quando passa por River Valley, Montana, em uma de suas raras visitas. Porém, no final da noite, toda a sua vida se transformará.

Missy O'Reilly é uma cantora com um segredo obscuro que pode ser fatal à sua vida. Apresenta-se apenas em pequenas cidades e nunca fica muito tempo em um único lugar. Está sempre em movimento.

O que ela fará quando encontra em Rory, sua alma gêmea? Será que ousará ficar em River Valley?



LIVRO 2

Um segredo obscuro fez com que Grace Black deixasse uma carreira de sucesso montando touros para visitar sua melhor amiga em River Valley, Montana.

Jordan Callahan é um veterinário que vive para o seu trabalho. Depois de ser dispensado no dia de seu casamento, jura nunca deixar uma mulher chegar perto o suficiente para machucá-lo novamente.

Eles podem superar o segredo de Grace e seu sentimento de traição para encontrar a felicidade juntos?



LIVRO 3

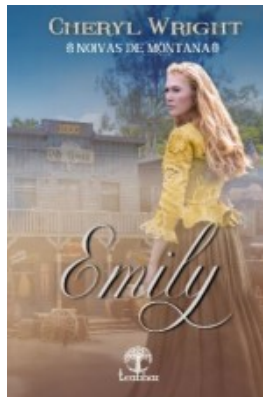
Depois de conhecer Isabella O'Reilly no casamento de seu irmão, o xerife Chase Callahan se apaixona. Com a morte trágica de sua esposa ainda em sua mente, mesmo depois de todos esses anos, ele ousaria arriscar a se apaixonar novamente?

Isabella poderia ter ficado nos braços de Chase para sempre, mas os compromissos de trabalho a forçaram a deixá-lo. Presa em uma situação perigosa, Isabella conseguirá escapar e se reconciliar com Chase? Ou serão separados para a eternidade?

LEIA TAMBÉM



NOIVAS DE MONTANA



1880 - MONTANA

Emily Stanton é uma solteirona sem interesse em ser cortejada. É proprietária e administradora da pensão de sua família desde a morte de seus pais, o que não lhe dá tempo para si mesma.

Patrick Harper, um solteiro convicto, é o novo carpinteiro da cidade. A última coisa em sua mente é o casamento - mesmo que a pensão local seja administrada pela mulher mais bonita em quem já pôs os olhos.

Quando as faíscas voam entre os dois, eles lutarão contra ou aceitarão o inevitável?

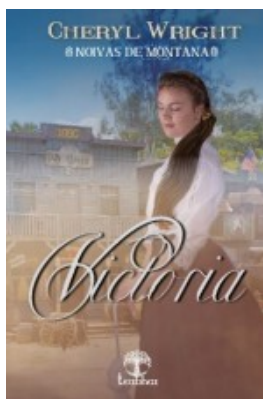


1880 - MONTANA

Após perder o amor de sua vida para outro homem, Joe Harkley se encontra apaixonado por uma recém-chegada à cidade.

Grace Sunderland inicia um negócio em uma nova cidade após um incêndio horrível, onde perdeu tudo o que lhe importava. Está longe de se interessar por homens ou casamentos e há muito decidiu permanecer solteirona para sempre.

Joe pode convencer Grace a se casar com ele? E sua determinação se dissipará por tempo suficiente para se conectar com seus verdadeiros sentimentos?

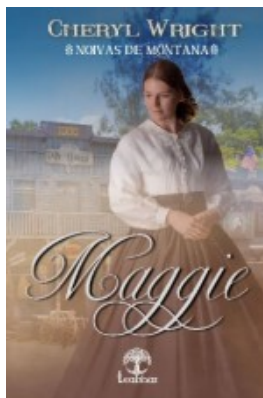


GRAND FALLS MONTANA - 1880

A viagem de trem para Grand Falls já se mostrou difícil o suficiente sem que Victoria Hudson se encontrasse com o totalmente irritante Jesse Pendleberry. O homem está além de irritante e fica mais do que satisfeita quando chega ao seu destino, presumivelmente deixando-o no trem.

O boticário Jesse Pendleberry quer montar uma loja e continuar com seu trabalho. Não tem tempo para cortejar, e definitivamente não tem interesse na bela nova professora.

Poderá uma tragédia unir estes dois? Ou o destino vai intervir e tirar-lhes as escolhas?



1880 - MONTANA

Uma noiva em fuga que não tem para onde correr, e um homem com um passado conturbado. Maggie não está à procura de amor, mas será que o amor a encontrará?

Contra seu melhor julgamento, Maggie Coulter é coagida a casar com um amigo de infância. Aceita o compromisso proposto até encontrar o noivo no dia de seu casamento. Então ela percebe que nenhuma felicidade jamais virá desta união.

Em seu pânico, ela foge, acaba em Grand Falls, e decide passar a noite. Uma mudança inesperada nas circunstâncias a leva a ficar mais tempo.

Tucker Smith volta à sua cidade natal após a morte de seu pai. Uma desavença com seu pai o forçou a deixar a cidade, algo de que se arrependeu desde então. Ele planeja fazer as coisas certas, mas no processo encontra Maggie.

Será que Tucker superará sua culpa e se permitirá abrir o coração? E Maggie vai baixar a guarda por tempo suficiente para se apaixonar de verdade?



1880 - MONTANA

Callie Hogan, viúva há três anos, volta à sua cidade natal por insistência de sua mãe. Conseguir um emprego no restaurante local era a última coisa que esperava, mas isso a faz feliz.

Daniel Cartwright é um caixeiro-viajante que se desviou de sua rota

habitual. Conhecer a cozinheira do Grand Falls Diner, de alguma forma cimenta sua decisão de ficar um dia a mais.

Seu coração lhe diz para ficar ainda mais tempo, mas o bom senso lhe diz para correr.



1880 - MONTANA

Quando uma mulher assustada chega à cidade, seus raptos estão no seu encalço

Quando Olivia Foster chega em Grand Falls sob circunstâncias misteriosas, Joseph Davis não sabe o que fazer com ela. Edna Baker, ex-proprietária do Grand Falls Diner, o manipula para se tornar o protetor de Olivia. Para manter Olivia fora de perigo, ele concorda. Afinal, não há mais ninguém disponível, e a estranha o deixa intrigado.

A curiosidade se transforma em fúria ao descobrir que Olivia não é quem diz ser, e então seus raptos aparecem na cidade outrora tranquila.

A situação evolui muito rapidamente, junto com o crescente vínculo da dupla. Quando o pai de Olivia aparece, junto com os guarda-costas, Joseph não é mais necessário, e sua conexão é cortada.

Será que seu relacionamento inicial fracassará, ou será que eles garantirão que o amor conquiste tudo?

NOIVAS POR CORRESPONDÊNCIA DE DALTON FALLS



LIVRO 1



O DESEJO DE NATAL DO VIÚVO

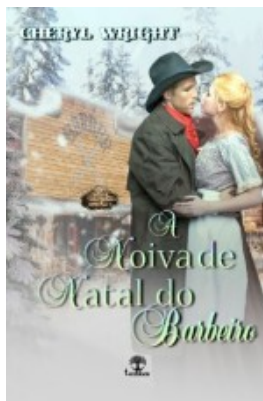
Nem em seus sonhos mais loucos, Charlotte Montgomery imaginou que se tornaria uma noiva por correspondência.

Ao descobrir que seus pais arranjaram seu casamento com um homem rico e idoso que já teve duas esposas, Charlotte não tem outra opção a não ser fugir para salvar sua vida. Mas evidentemente não pode mencionar que está em fuga.

O xerife Angus Doyle precisa de uma mãe para sua filha, já que sua irmã não pode mais cuidar dela. O desespero o faz buscar uma noiva por correspondência. Mas Angus prefere não mencionar sua filha.

A atração inegável entre os dois, quando eles se conhecem, será suficiente para superar seus segredos?

LIVRO 2



A NOIVA DE NATAL DO BARBEIRO

Uma criada em fuga e um barbeiro que precisa de ajuda e companhia. Eles podem fazer seu casamento inesperado funcionar?

Até que a violência de seu empregador a fez temer por sua vida, Allie MacIntosh nunca havia estado desesperada o suficiente para se tornar uma noiva por correspondência.

O barbeiro da pequena cidade, Charlie Jones, é solitário. Ele vive para seu trabalho com pouca coisa mais. Ele quer alguém para compartilhar sua vida, e uma noiva por correspondência é sua única esperança.

Quando Allie chega, Charlie fica instantaneamente apaixonado, mas será que ela alguma vez sentirá o mesmo por ele? E qual é o terrível segredo que ela está escondendo?

LIVRO 3



A NOIVA DO DONO DA MERCEARIA

Um impulso da decisão do momento salvou sua vida. Uma vida inteira de solidão forçou sua mão. Eles podem encontrar o amor em um casamento de conveniência?

Phoebe Jackson vive para dançar. Bonita e talentosa, ela não consegue perceber o perigo em que se encontra até quase ser tarde demais. Sua única opção - tornar-se uma noiva por correspondência.

O dono da Mercearia, Edward Horvard, é solitário e precisa de ajuda em

sua loja. Em uma cidade desprovida de mulheres elegíveis, uma noiva por correspondência é sua única opção.

Estas duas pessoas de mundos totalmente diferentes podem fazer um casamento sem amor funcionar? Ou ambas tão condenadas a viver uma mentira?

LIVRO 4



À NOIVA RELUTANTE DO FERREIRO

Com sua vida em farrapos, uma jovem mulher foge para se tornar uma noiva por correspondência.

Após a trágica morte de seus pais, Amelia Bronson está totalmente sozinha no mundo. Ela perde tudo para seu tio ganancioso e se preocupa com seu futuro.

Por desespero, ela confia em uma amiga, que lhe conta sobre as noivas por correspondência. Não é um caminho que ela deseja percorrer, mas decide que é sua única esperança para o futuro.

O ferreiro, Samuel Thomas, nunca pensou em se casar, mas quanto mais velho ele fica, mais solitário ele se sente. Como Dayton Falls se enche de casais felizes derivados de casamentos por correspondência, ele não pode deixar de se perguntar se também deve seguir esse caminho.

Será que duas pessoas que se opõem tanto ao casamento podem fazer com que seu casamento funcione? E eles terão um casamento sem amor, ou o amor prevalecerá?

LIVRO 4



O MILAGRE DE NATAL DO PADEIRO

Depois que o pai de Abigail Martin vende seu negócio de padaria e lhe promete em casamento ao malvado novo proprietário, ela foge temendo por sua vida. Sua única opção é se tornar uma noiva por correspondência.

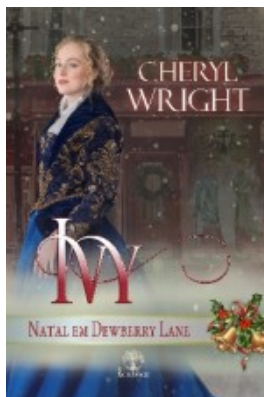
Ethan Harper precisa de uma esposa. Dirigir sua nova padaria sozinho é cansativo. Além disso, todos lhe dizem que está ultrapassando a idade de ter uma esposa. Com a falta de mulheres jovens adequadas na cidade, ele é forçado a procurar uma noiva por correspondência. Não é sua escolha favorita.

Estes dois podem fazer seu casamento de conveniência funcionar? E o que vai acontecer quando Ethan descobrir o segredo de Abigail?

Promessa do autor: Esta é uma novela histórica de Natal emocionante, com um final feliz para sempre e sem penhascos. É uma história limpa e saudável, com nada mais do que abraços, beijos e mãos dadas.

NATAL EM DEWBERRY LANE

LIVRO 1



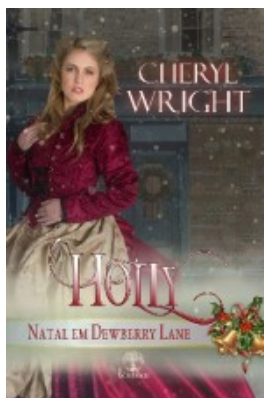
IVY

Ivy Henderson se vê obrigada a se mudar para a pacata Dewberry, em Montana, após a súbita morte de sua querida tia que lhe deixa, como legado, a responsabilidade de administrar a loja de Botões e Laços. Ivy mergulha em seu luto enquanto tenta manter viva a chama do negócio familiar.

Contudo, seu mundo dá uma reviravolta inesperada quando Ivy se vê envolvida com o Natal Extravaganza, a aguardada festa anual da cidade. Para isso precisa da ajuda de Jeremy Hycroft, o advogado local e o solteiro mais cobiçado da região. Surpreendentemente, a amizade entre Ivy e Jeremy não se transforma rapidamente em romance, deixando Jeremy intrigado e questionando o motivo de sua falta de interesse em um relacionamento, algo totalmente inédito em sua vida, onde as mulheres costumavam se acotovelar para sair com ele.

O que poderia estar por trás dessa conexão peculiar entre Ivy e Jeremy na pitoresca Dewberry? A resposta só poderá ser descoberta durante a encantadora Festa de Natal Extravaganza em Dewberry Lane.

LIVRO 2



HOLLY

Ela é uma mulher independente, e ele acredita que ela será uma boa esposa para alguém.

A confeitaria Holly-Berry é quase uma instituição em Dewberry Lane, mas Holly Yates não tem ideia de como sua pequena loja sobreviverá após um incêndio devastador, especialmente tão perto do Natal. Com seu bem mais importante, o forno comercial, sendo o foco do incêndio e agora arruinado, ela se encontra em uma situação terrível.

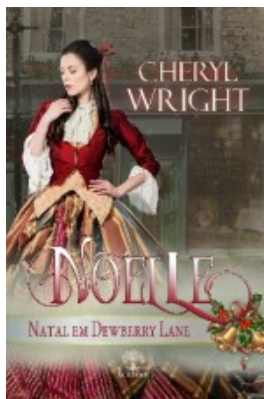
O carpinteiro da cidade, Marcus Taylor, se propõe a restaurar a antiga glória de sua amada loja. Ele se afeiçoa rapidamente à bela proprietária, mas ela tem pouco tempo para ele. Ele se irrita com o fato de ela ainda não o ter perdoado por tê-la salvado do incêndio - tomando liberdades e carregando-a sem permissão. Marcus não esqueceu a sensação de ter Holly em seus braços, e nem quer esquecer.

Será que esses dois conseguirão deixar de lado suas diferenças? E será que encontrarão o seu “felizes para sempre”?

Promessa da autora: Esta é uma novela histórica de Natal comovente, com um final feliz e sem suspense. É uma história limpa e saudável, com nada mais do que abraços, beijos e mãos dadas.

VEM AÍ

LIVRO 3



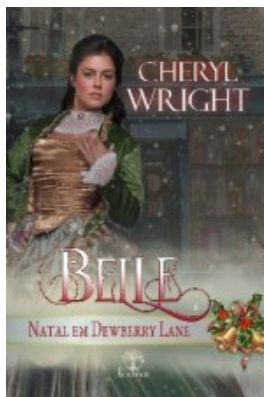
NOELLE

A última coisa que Noelle Jenkins, proprietária de uma livraria, esperava na noite do clube do livro era que um estranho se convidasse de última hora. As coisas vão de mal a pior quando a casamenteira da cidade decide intervir. Howie Jones é totalmente irritante, e Noelle ficará feliz em vê-lo partir quando sua curta estadia em Dewberry terminar.

Howie Jones visita a pitoresca cidade por curiosidade, mas quando se apaixona pela recatada dona da livraria, fica dividido. Ele quer ver aonde a amizade deles chegará, mas tem medo das implicações. Quanto mais cedo partir, melhor. Quando ocorre um desastre, tudo muda em um piscar de olhos.

Será que ele se afastará e fingirá que nunca se conheceram? Ou enfrentarão a adversidade juntos e buscarão um final feliz para sempre?

LIVRO 4



BELLE

Seu segredo bem guardado os unirá ou será a sentença de morte que os separará?

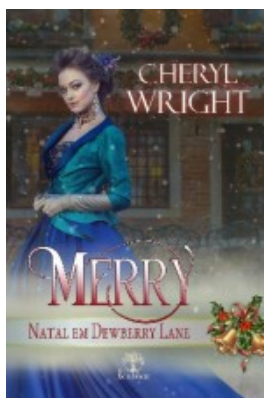
Belle Armstrong é proprietária da loja Candies Galore em Dewberry Lane. Muitos a consideram uma solteirona porque não tem nenhum homem em sua vida. Como o Natal é a época mais movimentada do ano, ela não consegue parar um momento sequer para pensar em homens.

Caleb Bligh é um caixeiro-viajante que está de passagem por Dewberry e não tem intenção de ficar mais do que um ou dois dias. Quando uma tempestade de neve se aproxima, com a promessa de uma nevasca, ele não tem escolha a não ser ficar. Ele partirá quando for seguro fazê-lo.

A Sra. Grayson, a casamenteira da cidade, tem outras ideias e, quando descobre o segredo de Caleb, seus planos para unir o casal começam a tomar forma.

Será que Caleb baixará a guarda com Belle e sucumbirá às suas artimanhas femininas, ou ele protegerá seu coração e se afastará de Belle, sabendo muito bem que ela é sua alma gêmea?

LIVRO 5



MERRY

Ajudar um estranho se transforma em muito mais do que Merry jamais imaginou.

A Ma's Kitchen tem sido a vida de Merry Jensen desde que se lembra. A última coisa que deseja é um homem em sua vida. O que ela precisa é de ajuda no movimentado restaurante de Dewberry Lane para tornar sua vida mais fácil.

Phillip Dalton está exausto de viajar e é encontrado dormindo no restaurante quando deveria estar a caminho de seu novo emprego em outra cidade. Como resultado, ele perde a diligência semanal e fica com pouco dinheiro sobrando. Para ajudá-lo, Merry oferece a Phil um cargo temporário até a hora de partir. Isso pode se tornar o maior arrependimento de sua vida.

A Sra. Grayson, com seus olhos de águia, está no caso e descobre a verdadeira extensão das habilidades do estranho.

A casamenteira Dewberry também tem outros planos para o casal.

Como Merry reagirá quando descobrir a verdade?

E será que a casamenteira da cidade conseguirá o que quer, ou Merry estará condenada a uma vida de solidão?

CHERYL WRIGHT



Cheryl Wright escreve sobre cowboys - e as mulheres que os amam.

Autora de várias publicações, ex-secretária, cobradora de dívidas, gerente de contas, instrutora de redação e anfitriã de excursão de compras, adora ler.

Escreve romance western históricos e contemporâneos, bem como suspenses românticos e romances contemporâneos e de cidades pequenas.

Ela vive em Melbourne, na Austrália, é casada, tem dois filhos adultos e seis netos. Quando não está escrevendo, pode ser encontrada em sua sala de artesanato.

INFORMAÇÕES LEABHAR



Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o [E-mail Leabhar Books®](#)